

**A análise do ensino de português na Universidade de Estudos
Estrangeiros de Tianjin**

Di Mengying

Nº 56127

**Dissertação de Mestrado em Português como Língua Segunda e
Estrangeira**

Orientadora: Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

Novembro de 2018

Índice

Agradecimento.....	1
Resumo.....	2
Abstract.....	3
Introdução.....	4
Capítulo I - Fundamentação teórica.....	8
1.1 - A planificação no ensino.....	8
1.1.1 - A definição de planificação.....	8
1.1.2 - A definição de projeto curricular.....	10
1.2 - A definição de disciplinas.....	11
1.3 - A importância e o método de planificação.....	12
1.4 - Os tipos de planificação.....	14
1.5 - Cultura, diferenças culturais, educação multicultural e educação intercultural.....	17
1.5.1 - Definição de cultura.....	18
1.5.2 - Diferenças culturais.....	20
1.5.3 - Educação multicultural e intercultural.....	21
1.6 - Os métodos de ensino de Língua Estrangeira.....	24
Capítulo II- A análise da planificação de TJFSU.....	29
2.1 - A planificação de ensino básico de LP na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin.....	29
2.2 - Análise dos métodos de ensino de LP na TJFSU.....	34

2.2.1 - Análise do primeiro ano.....	34
2.2.2 - Análise do segundo ano.....	37
2.3 - A planificação de ensino do nível intermédio de LP de TJFSU.....	40
2.4 - A planificação de ensino do nível avançado de LP de TJFSU.....	40
2.5 - Análise de ensino avançado de LP de TJFSU.....	42
2.6 - Conclusão geral sobre a planificação de TJFSU.....	46
Capítulo III - O enriquecimento do conhecimento lexical.....	49
3.1 - A importância de vocabulário na aprendizagem de LP.....	49
3.2 - Revisão crítica de <i>O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência lexical</i>	51
3.3 - As estratégias de enriquecimento lexical.....	53
3.4 - Síntese geral sobre o ensino de enriquecimento de vocabulário.....	58
Capítulo IV - O ensino de cultura.....	59
4.1 - A importância da cultura na aprendizagem de LP.....	59
4.2 - A importância da cultura na aplicação de LP.....	61
4.3 - Apresentação de um questionário.....	62
4.4 - Análise dos resultados do questionário.....	63
4.5 - Síntese geral sobre o ensino de cultura.....	65
Capítulo V - Conclusão.....	67
Bibliografia.....	70
Anexo.....	74

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento profundo à Professora Maria do Carmo Vieira da Silva, pela sua orientação e correção preciosas, especialmente pelo seu auxílio do material necessário, expandindo as minhas ideias e abrindo o meu ângulo de visão, pela sua paciência e seu ensino.

À professora Ana Maria Martinho, agradeço aos seus ensinamentos cuidados durante o período do Mestrado. A Professora encurtou a distância entre o português, cultivando o meu interesse pela língua e cultura de Portugal.

Aos meus amigos, pelas suas ajudas e companhias, pelos dias que estudámos juntos e pelas memórias inesquecíveis que igualmente passámos juntos.

Resumo

O português é uma das línguas comunicativas internacionais mais importantes do mundo. O desenvolvimento vigoroso de cursos de língua portuguesa em instituições de ensino superior chinesas oferece uma variedade de elites proficientes de alta qualidade para o desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa, e também permite aos jovens, estudantes, que tenham mais opções nas suas futuras carreiras.

Dentro de todas as universidades que incluem o curso de língua portuguesa, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (TJFSU) abriu o curso de português em 2006.

Este trabalho tem como objetivos: 1) analisar a planificação curricular da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin; 2) investigar a proporção de cada disciplina no currículo, conhecendo as vantagens e desvantagens; 3) saber a importância e o método mais adequado de ensino de cultura portuguesa; 4) elaborar uma proposta nova para desenvolver o vocabulário na aprendizagem da língua portuguesa.

Palavras-chave: planificação, educação multicultural, educação intercultural, métodos de ensino de língua estrangeira.

Abstract

Portuguese is one of the most important international communicative languages in the world. The vigorous development of Portuguese language courses in Chinese higher education institutions offers a variety of high-quality proficient elites for the development of relations between China and Portuguese-speaking countries, and also enables young people, students, to have more options in their future careers.

Within all universities including the Portuguese language course, the Tianjin University of Foreign Studies (TJFSU) opened the Portuguese course in 2006.

This paper aims to analyze the curricular planning of the Tianjin University of Foreign Studies. Investigate the proportion of each subject in the curriculum, knowing the advantages and disadvantages. Know the importance and the most appropriate method of teaching Portuguese culture. And to elaborate a new proposal to develop the vocabulary in the learning of the Portuguese language.

Key Words: planning, multicultural education, intercultural education, methods of foreign language teaching

Introdução

Sendo uma aluna de Língua Portuguesa e de Português como língua segunda e estrangeira, de acordo com a minha experiência, realizei a licenciatura na China, tendo tido o primeiro contacto com o ensino de português através do método chinês. No meu terceiro ano de licenciatura tive a oportunidade de vir para a Universidade NOVA de Lisboa, conhecendo, assim, o ensino do português pelo método lusófono. Além disso, o meu curso de mestrado é em Português Como Língua Segunda e Estrangeira, sendo eu própria, atualmente, uma estudante de Português e, no futuro, uma professora. Nesta dissertação, irei analisar o ensino de português para os alunos chineses.

O ensino da língua portuguesa nas universidades chinesas começou no início dos anos 60 do século passado e tem formado milhares de profissionais de língua portuguesa no país, nos últimos 40 anos. As principais saídas de trabalho para os licenciados são empregos nos Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ministério do Comércio Externo e Cooperação Económica, Ministério da Cultura, Departamento de Ligação Internacional, Departamento Geral, Terceiro Departamento e outros ministérios e comissões centrais, na Agência de Notícias Xinhua, na Televisão Nacional, na Radio International da China, agências de viagens estrangeiras na China e Empresas de capital estrangeiro, entre outras.

Nos últimos anos, devido ao estabelecimento das relações diplomáticas entre o Portugal e a China, concretamente em 1979, e o retorno da soberania de Macau ao Governo Chinês, em 1999, os negócios mútuos entre a China e Portugal, assim como com os outros países lusófonos, ficaram cada vez mais frequentes. Neste contexto, pessoas proficientes em língua portuguesa são escassas e muito procuradas na República chinesa. Como a China e os países de língua portuguesa, o Brasil em particular, continuam a expandir os seus intercâmbios políticos, económicos, comerciais, científicos e culturais, é plausível assumir que os cursos de Língua

portuguesa na China irão evoluir ainda mais. Juntamente com a implementação estratégica de políticas na China que visam acelerar o mercado africano, o ensino de português vai ganhar cada vez mais importância.

Uma outra razão para a crescente procura de profissionais fluentes em mandarim e português é o facto de, nos últimos anos, haver cada vez mais chineses que vêm trabalhar e viver em Portugal. Enquanto que as empresas chinesas continuam a crescer, as necessidades comerciais e económicas crescem juntamente e as pessoas fluentes em ambas as línguas são cada vez mais necessárias.

Devido às influências políticas, sociais e económicas, existem cada vez mais cursos que incluem a disciplina de língua portuguesa na China. As primeiras universidades que começaram a oferecer o curso de língua portuguesa na China continental foram a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim e a Universidade de Comunicação da China (1960), que têm uma história de mais de 40 anos. A Universidade de Macau e o Instituto Politécnico de Macau, que se encontram fora da China continental, já tinham aberto um curso de língua portuguesa mais cedo. A Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (1977), a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, a Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian, a Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an e a Segunda Escola de Línguas Estrangeiras de Pequim também abriram cursos de língua portuguesa posteriormente. Nos últimos anos, a Universidade de Pequim, a Universidade de Fudan, a Universidade de Guangzhou Jinan, a Universidade de Huaqiao, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Guangdong e a Faculdade de Comunicação da China, Nanjing Branch criaram currículos com a Língua Portuguesa incluída.

Fora das faculdades nacionais, muitas cidades da China também têm várias escolas particulares que ensinam Português. Em Qingdao, Hangzhou, Xiamen, Cantão, Shenyang, Zhuhai, Shenzhen, Xangai, Harbin, Jinan, Chengdu, Changsha, Dongguan entre outras cidades, a fim de se adaptarem às necessidades da procura de políglotas dominantes de língua portuguesa. Muitas escolas privadas abriram também cursos de

português. Sendo assim, pode-se concluir que o ensino de português na China não deve ser negligenciado. Na área do ensino de uma língua, existem diversos métodos para os estudantes de países diferentes. Neste caso focalizado na China, esta dissertação tem como objetivos:

1 - Analisar a planificação curricular da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin.

2 - Investigar a proporção de cada disciplina no currículo.

3 - Conhecer as vantagens e desvantagens.

4- Saber a importância e o método mais adequado de ensino de cultura portuguesa.

5 - Elaborar uma proposta nova para desenvolver o vocabulário na aprendizagem da língua portuguesa.

Visando cumprir os objetivos referidos, o presente trabalho de dissertação organiza-se nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, é feita uma fundamentação teórica que desenvolve as palavras-chave, como sejam definição de planificação, cultura, ensino multicultural e intercultural, e métodos de ensino de língua estrangeira. Neste capítulo procura-se conciliar as definições de autores não asiáticos com o entendimento que as mesmas definições têm na China.

No segundo capítulo, apresenta-se os métodos de ensino da língua portuguesa e a planificação curricular da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, incidindo a análise na proporção do método de ensino e, com mais detalhe, as suas vantagens e desvantagens. Além disso, analisa-se também os manuais utilizados, seus benefícios e prejuízos.

No terceiro capítulo, depois de aplicado um questionário sobre o ensino de cultura para a aprendizagem de língua, é feita uma descrição detalhada de como se

ensina a cultura portuguesa, como, por exemplo, os costumes portugueses, as características específicas do português, os grandes eventos históricos de Portugal, a fim de que os alunos conheçam as diferenças culturais em primeiro lugar e, a seguir, iniciem a aprendizagem da Língua Portuguesa em si.

No quarto capítulo, aborda-se a memorização e o enriquecimento do vocabulário. Os métodos utilizados para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras estão essencialmente baseados em meios e materiais de repetição e de memorização de palavras. Por conseguinte, neste capítulo, apresentam-se algumas medidas para memorizar as palavras por meio de enriquecimento de conhecimento lexical.

Esta dissertação termina com uma conclusão geral que sintetiza os resultados do estudo realizado.

Capítulo I - Fundamentação teórica

Introdução

Tendo em consideração os objetivos desta dissertação, nesta primeira parte apresenta-se e discute-se as definições e os conceitos, assim como a revisão da literatura relevante e uma síntese geral acerca do tema deste estudo.

1.1 - A planificação no ensino

1.1.1 - A definição de planificação

Planificar é a ação de constituir um processo mais ou menos complexo, que visa organizar o ensino e a aprendizagem.

Em relação a este aspeto, Barroso (2013, p.10) aditou que, “A planificação poderá ser comparada a um mapa de estradas, que nos indica o caminho para chegarmos a determinado destino. Contudo, temos de saber para onde queremos ir, pois só assim podemos traçar o nosso percurso.”

No que diz respeito ao ensino, segundo Bento (2003, p.15), a planificação “é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática.”

Barroso (2013, p.10) argumenta que “No ensino, a planificação é também preciso saber o que pretendemos enquanto educadores, para onde devem caminhar os alunos, como os devemos conduzir em determinado sentido. Sem estas indicações a nossa prática poderá falhar e o nosso objectivo não ser cumprido.”

Verificou-se que os professores, dependendo das situações em que se encontravam ao longo da sua ação pedagógica, por vezes mudavam o rumo proposto pelas planificações traçadas, tomando decisões não constantes nas planificações.

Neste caso, Bento (2003, p.16) menciona ainda que a “planificação é também ligar a própria qualificação e formação permanente do professor ao processo

de ensino à procura de melhores resultados no ensino como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos.”

Portanto, segundo Barroso (2013, p.9), “a planificação do ensino era um imperativo, uma vez que era através deste processo que se definia previamente o que se deveria ensinar, como ensinar (métodos) e os resultados a alcançar. Todo este processo tem por trás um documento preciso, que lhe serve de base, o currículo, que garantia a unificação do ensino, para que todos os alunos fossem ensinados e aprendessem da mesma forma.”

A planificação pode ser dividida em dois tipos, o primeiro é planificação docente, que significa a planificação dos professores. Em conformidade com Barroso (2013, p.10), sintetiza as características seguintes: “ O docente passou de consumidor a configurador do currículo, assume agora a sua gestão, decidindo como irá desenvolver o processo ensino-aprendizagem na sua sala de aula.”

Com o que foi referido, a planificação docente pode ser vista como um meio orientador que ajuda os professores a organizar as aulas no dia-a-dia, oferecendo um trabalho sistemático dos seus ensinamentos e das suas atividades.

Nesta perspetiva, “o professor assume o controlo da sua planificação, estando a seu cargo a tomada de uma série de decisões, nas quais estão implícitas, a sua concepção de educação, práticas didáticas, formas de pensar e reflectir sobre os assuntos que está a planificar. Esta é uma tarefa complexa que exige do docente reflexão, responsabilidade, dedicação, sentido crítico, pois tudo aquilo que vai figurar no plano será para trabalhar posteriormente na sala de aula. No entanto, este plano não deve ser encarado como um receituário, deverá ter um carácter flexível, passível de ser alterado consoante o desenvolvimento da aula, ajustando-se a situações imprevisíveis, dando ao professor a possibilidade de o rever e modificar os aspectos que entender já não serem pertinentes na situação em questão” (Barroso, 2013, p. 11).

1.1.2 - A definição de projeto curricular

A seguir, além da planificação docente, existe outro tipo de planificação, sendo chamado projeto curricular ou desenvolvimento curricular. Segundo Bento (2003, p.15), “na planificação são determinados e concretizados os objectivos mais importantes da formação e educação da personalidade, são apresentadas as estruturas coordenadoras de objectivos e matérias, são prescritas as linhas estratégicas para a organização do processo pedagógico.”

O projeto curricular é a planificação geral do currículo, estipulando a estrutura das diferentes disciplinas, determinando as exigências na gestão dos métodos de ensino e a proporção dessa mesma exigência de cada disciplina. Entretanto, organiza geralmente os ensinamentos da escola, as atividades extracurriculares e os objetivos das fases de ensino, definindo ao mesmo tempo as disciplinas necessárias, a ordem em que as disciplinas são oferecidas, a distribuição de horas de aula e a divisão dos semestres no ano letivo.

Barroso (2013, p.11) acrescenta, ainda, que o projeto curricular se situa ao “nível da organização dos conteúdos programáticos, métodos e estratégias de ensino, que pudessem agilizar e racionalizar o processo de aprendizagem dos alunos.”

Geralmente, o projeto curricular consiste principalmente em duas partes: uma é a ideologia orientadora do projeto, que consiste, principalmente, na descrição dos objetivos e na definição dos conteúdos; a segunda é a planificação de disciplinas e a forma de ensino.

Normalmente o projeto curricular é constituído por:

(1) **Objetivos de ensino.** O objetivo de ensino é a qualidade básica e as especificações depois de uma fase de aprendizagem que os alunos devem alcançar. Inclui propósitos educacionais, instruções de prática, e requisitos específicos.

(2) **Estrutura das disciplinas.** A estrutura das disciplinas é a divisão e a cooperação entre os vários tipos de disciplinas estabelecidas por um determinado curso. Se a estrutura curricular é razoável, está diretamente relacionada aos sucessos dos objetivos da prática. É uma parte essencial do projeto curricular. O estado da estrutura das disciplinas reflete-se principalmente em várias relações proporcionais dos vários tipos de disciplinas.

(3) **Atividades principais de ensino.** Além das aulas do curso, a planificação de ensino também inclui outras atividades, tais como treino militar¹, estágio social, dissertação de graduação ou projeto de graduação.

(4) **Alocação de horas por cada disciplina e respectivos créditos.** A alocação de horas é o número de horas destinadas a cada disciplina e a cada atividade de ensino, estabelecendo assim o número de aulas para cada semana assim como para cada semestre, o que ajudará a determinar o número de créditos.

1.2 - A definição de disciplinas

Com origem no termo do latim *disciplina*, a disciplina é a doutrina e a instrução de uma pessoa, especialmente no campo da moral. O conceito também é usado para fazer referência à arte, à faculdade ou à ciência, bem como ao próprio instrumento de castigo (o chicote ou a régua, caídos entretanto em desuso e abolidos).

A disciplina escolar é a obrigação que têm os educadores de infância e os docentes/professores de obedecer e mandar obedecer (no caso dos alunos/educandos) a um código de conduta, conhecido sob a designação de regulamento escolar. Este

¹ Na China, geralmente, antes da entrada no ensino básico, secundário e universitário, todos os alunos têm de fazer 2 semanas de treino militar.

regulamento define aquilo que se espera que seja o modelo de comportamento, o cumprimento de horários, a farda a ser usada, as normas éticas e as maneiras mediante as quais se definem as relações no seio da escola.²

1.3 - A importância e o método de planificação

Segundo Barroso (2013, p.11), “A planificação docente deve contribuir para a optimização, maximização e melhoria da qualidade do processo educativo. É um guião de acção que ajuda o professor no seu desempenho. Neste sentido, deve ser uma competência desenvolvida por todos os docentes, dado que constitui a base fundamental do sucesso educativo, ao englobar o professor directamente na sua elaboração e consequentemente implicar a reflexão sobre a sua prática.”

Uma razão fundamental para defender a planificação do processo de ensino-aprendizagem é que esta não é, de forma alguma, um instrumento que promova a desigualdade ou o desfavorecimento; muito pelo contrário, quando bem construída e aplicada permite que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades para utilizar os seus talentos, de modo a progredirem na sequência escolar com o máximo aproveitamento.

Para constatar esta importância, atente-se na seguinte definição: “A planificação é um importante colaborador da prática pedagógica, contribuindo para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao professor fazer uma previsão do que poderá ser a sua aula, definindo o conjunto de objectivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, assim como a avaliação dessas experiências.”³

Damião (1996, p.22) também refere que, “A prática de ensino em sala de aula conduzida pelas planificações revelava-se com frequência bastante diferente de uma mera aplicação, evidenciando que os professores não se restringiam às directrizes que lhes eram fornecidas, mas tomavam decisões, de acordo com as exigências das

² <https://conceito.de/disciplina>

³ <http://200pedrogloria.blogspot.com/2016/06/a-importancia-da-planificacao-das.html>

situações pedagógicas.”

Cardoso (2010, p.37) reforçou constantemente a ideia de que. “entendemos que a formação e a supervisão saem beneficiadas se seguirem esquemas teóricos que tenham dado boas provas empíricas e que, assim, se consideram relevantes à luz do conhecimento disponível.”

Em síntese e primeiramente, o planeamento de instrução deve ser realizado com o intuito de ajudar os alunos a aprender. Em segundo lugar, deve ter diversas abrangências a longo e a curto prazo. A planificação a longo prazo é complexa, recaindo a sua preocupação no conjunto de temas que fazem parte da disciplina ou na sequência de disciplinas que formam um curso, ou mesmo algo mais abrangente que engloba todo o sistema de ensino e o projeto curricular. A planificação a curto prazo exige do professor tempo e esforço, devendo, no entanto, ser encarada como um desafio intelectual. Em terceiro lugar, os autores chamam-nos a atenção para o facto da planificação dever passar por uma série de passos que começa na análise das necessidades e nos objetivos a atingir e termina na avaliação da instrução. As decisões que compõem cada etapa devem estar baseadas em evidências empíricas, que conduzem a novas decisões na etapa seguinte, constituindo-se uma estrutura solidamente planificada.

No que diz respeito ao método de elaborar uma planificação, Bento (2003, p.16) menciona que “o professor é considerado um agente de ensino que, além de outros papéis, tem a responsabilidade de desenvolver o currículo ao nível micro, adequando a sua acção ao Currículo Nacional e aos programas das disciplinas (elaborados a nível macro), às características do meio social da escola e dos alunos ao Projecto Curricular da escola. Desta forma mostra que no processo de planificação o professor estará sempre confrontado com: o programa de ensino, o corpo discente a leccionar tendo em conta as suas características sociais e culturais, expectativas dos alunos bem como os recursos disponíveis na escola e as orientações definidas no projecto curricular da escola.”

Por outro lado, os professores formados segundo princípios behavioristas clássicos devem não só procurar concretizar individualmente os objetivos de cada aluno, mas também conduzir os alunos à realização e prática de atividades e tarefas incutidas à turma como um todo, sendo que poderia mudar o rumo dessas mesmas atividades e tarefas ou mantê-las mediante o desempenho e o envolvimento dos alunos.

Quando os professores elaboram uma planificação, têm de preparar a planificação tendo em conta cinco variáveis:

1 - **Os alunos**, tendo como objetivo uma fácil compreensão dos conteúdos e das suas necessidades de aprendizagem, assim como a definição do percurso de aprendizagem que os alunos irão percorrer;

2 - **Os professores**, sendo necessário organizar os seus trabalhos, preparar os conteúdos, os métodos e os materiais;

3 - **A escola**, ou seja, uma planificação para os outros professores, de modo a permitir a coordenação e cooperação interdisciplinar.

4 - **Os pais**, ou seja, uma planificação que seja esclarecedora para este grupo, a fim de compreenderem os conteúdos definidos e a sua importância para que possam acompanhar melhor e participar mais conscientemente na vida escolar dos filhos.

5 - **A sociedade**, tendo como objetivo relacionar os conteúdos aprendidos com a participação ativa na comunidade.

1.4 - Os tipos de planificação

Existem três tipos de planificação: a planificação a longo prazo, a planificação a médio prazo, a planificação a curto prazo.

A planificação a longo prazo

“O plano anual é um instrumento de planificação comum a todos os

professores de uma determinada disciplina e por isso deverá ser elaborado em equipa, no início do ano lectivo. Neste plano estão contemplados, de forma geral, os conteúdos a desenvolver apresentados cronologicamente ao longo do ano, razão pela qual é designado de planificação de longo prazo. Dada a sua abrangência temporal este é um plano genérico e pouco detalhado, mas que servirá de base a todos os outros planos desenvolvidos no decorrer do ano. Este assume-se como uma previsão e como tal é passível de ser alterado ” (Barroso, 2013, p.15).

Segundo Cardoso (2010, p.46), a planificação a longo prazo tem como objetivos:

- 1) “Analisar os documentos curriculares e programáticos, tendo sempre em consideração o que foi leccionado anteriormente;
- 2) Dividir e ordenar os conteúdos programáticos em unidades didáticas e calendarização de acordo com os tempos lectivos estabelecidos e disponíveis;
- 3) Seleccionar os objectivos gerais;
- 4) Estabelecer as atitudes desejáveis;
- 5) Encadear as actividades para além das aulas, como visitas de estudo; ensino experimental;
- 6) Definir o processo de avaliação.”

A planificação a médio prazo

“A planificação a médio prazo permite que o professor desenvolva cada unidade de ensino, traçando o percurso para uma série de aulas que têm em comum um mesmo tema. Dado que nestes planos se desenvolvem unidades de trabalho, estes também podem ser designados de planos de unidade didáctica, os quais deverão estar devidamente articuladas com o plano anual. A planificação da unidade didáctica é um instrumento de trabalho que permite ao professor organizar a sua prática educativa, ajustando o processo ensino/aprendizagem às necessidades dos alunos” (Barroso, 2013,

p.16).

Segundo Cardoso (2010, p.46), a planificação a médio prazo tem como objetivos:

- 1) “Estruturar os conhecimentos e definição dos objectivos a atingir em cada unidade;
- 2) Sistematizar os conhecimentos a adquirir;
- 3) Calendarizar mais precisamente cada unidade;
- 4) Especificar os objectivos;
- 5) Operacionalizar as atitudes a fomentar;
- 5) Estabelecer as estratégias a implementar;
- 6) Identificar os materiais e os recursos físicos e humanos existentes.”

A planificação a curto prazo

“A planificação a curto prazo será o tipo de planificação onde melhor se percebe o modo como o professor encara o processo ensino-aprendizagem, onde estão plasmadas todas as estratégias e actividades a desenvolver com os alunos durante a aula, em suma será uma descrição da aula. Este plano funciona como um guião de aula, onde o professor define o sumário, os conteúdos, as competências que pretende desenvolver, as várias actividades e a distribuição do tempo para a realização de diferentes tarefas. Uma das características mais importantes deste plano é a sua flexibilidade, uma vez que poderá haver a necessidade de o alterar a qualquer momento. No decorrer de uma aula são muitos os factores que poderão pedir uma alteração da planificação, razão pela qual o professor não deve ficar demasiado preso a esta. O docente deverá ter a capacidade de adaptação aos constrangimentos que vão surgindo ao longo da aula e que poderão alterar a planificação previamente concebida” (Barroso, 2013, p.17).

Segundo Cardoso (2010, p.47), a planificação a curto prazo tem como tarefa:

- 1) “Definir objectivos que os alunos deverão atingir ao fim do dia;
- 2) Definir estratégias (ou as suas descrições);
- 3) Definir introdução mais apropriada (exemplos do quotidiano, jogo, paralelismo com outros conteúdos, trabalho de grupo, sugestão de actividade, conteúdos pré-requeridos);
- 4) Preparar os tipos de exercícios, em grau crescente de dificuldade;
- 5) Preparar materiais necessários à aula;
- 6) Sumarizar cada aula.”

1.5 - Cultura, diferenças culturais, educação multicultural e educação intercultural

Introdução

No processo de aprender uma língua, precisamos perceber que a língua e a cultura são inseparáveis: sem compreender o contexto cultural, não podemos entender e usar corretamente as línguas estrangeiras. As sociedades do Oriente e do Ocidente são formadas e desenvolvidas em diferentes fundamentos. Tanto os pensamentos, como as crenças e os costumes são completamente distintos. Portanto, no ensino de línguas estrangeiras, os alunos devem dominar não só os conhecimentos básicos do idioma, mas também devem fortalecer o ensino do conhecimento cultural, para que compreendam as diferenças entre a cultura chinesa e a cultura ocidental.

1.5.1 - Definição de cultura

Neste caso, é necessário saber o conceito de cultura. Pode-se dizer que cultura é a criação e o encontro de informação de todas as coisas deste mundo, incluindo pessoas. A cultura é um conceito muito amplo, sendo muito difícil dar uma definição rigorosa e precisa. Muitos filósofos, sociólogos, antropólogos, historiadores e linguístas têm apresentado definições sobre o conceito de cultura na perspectiva das suas respectivas áreas. No entanto, uma definição reconhecida e satisfatória ainda não foi obtida. De um modo geral, a cultura é um fenómeno social, produzido pelas criações e formações dos humanos a longo prazo e, ao mesmo tempo, é um fenómeno histórico e um depósito da história social. Para ser mais preciso, cultura é a história, geografia, costumes, tradições, estilos de vida, artes literárias, normas de comportamento, modos de pensar e valores, as crenças e os outros valores espirituais e materiais, sendo universalmente reconhecida como os elementos característicos de uma sociedade e de um grupo.

Segundo Mintz (2010, p.224), “Cultura, nessa visão, seria um conjunto formado por nascimento, posição social, educação e criação, que se traduziria em ideias e comportamentos; seria portanto também uma questão de privilégios.”

Podemos ter uma definição mais precisa com a explicação que se segue:

O termo cultura, que provém do latim *cultus*, faz referência à ação de cultivar o espírito humano e as faculdades intelectuais do homem. A sua definição foi evoluindo ao longo dos anos: desde a época do Iluminismo, a cultura passou a ser associada à civilização e ao progresso.

Em geral, a cultura é uma espécie de tecido social que abarca as diversas formas e expressões de uma determinada sociedade. Como tal, os costumes, as práticas, as maneiras de ser, os rituais, a indumentária (forma de se vestir) e as normas de comportamento são aspetos incluídos na cultura.

Consoante o enfoque analítico abordado, a cultura pode ser classificada e definida de diversas maneiras. Por exemplo, há estudiosos que dividiram a cultura em tópica (inclui uma lista de categorias), histórica (a cultura como

herança social), mental (complexo de ideias e hábitos), estrutural (símbolos pautados e interrelacionados) e simbólica (significados atribuídos arbitrariamente, que partilha uma sociedade).

A cultura também se pode diferenciar segundo o seu nível de desenvolvimento: primitiva (aquelas culturas com escasso desenvolvimento técnico e que não tendem à inovação), civilizada (atualiza-se mediante a produção de novos elementos), pré-alfabeta (não integrou a escrita) e alfabeta (utiliza tanto a linguagem escrita como a oral).⁴

Para ser mais preciso, Campomori (2008, pp. 78-79) considera que “A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento.”

Segundo Malinowski (2009, p. 45), que considerou cultura como um termo bastante complicado e variável, explica que “a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida, confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se lhe deparam.”

Com a explicação acima, não é difícil perceber que a cultura refere-se às características dos tempos, ao estilo regional e ao estilo nacional manifestado no processo de transformação do mundo real e da sociedade, assim como à coordenação das relações entre diferentes grupos e regulação das suas próprias características. Por isto, cada país possui uma cultura particular e especial.

⁴ <https://conceito.de/cultura>

Existem muitas outras definições de cultura; contudo esta pareceu-nos sintetizar o fundamental sobre este conceito.

1.5.2 - Diferenças culturais

A cultura não é uma característica individual, mas um procedimento psicológico compartilhado por muitas pessoas com a mesma experiência social e a mesma educação. Para as pessoas de diferentes grupos, regiões e países, esses procedimentos psicológicos comuns representam diferenças visíveis. Por causa de diferentes processos de educação, sociedades distintas têm maneiras diferentes de pensamento.

Estas maneiras diferentes de pensamento são a razão direta que afeta a formação duma língua. Neste caso, é fundamental apresentar o conceito de diferenças culturais.

Segundo Candau (2011, p.246), “as diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação.”

Na base da definição de diferenças, Silva (2000, pp. 44-45) oferece uma explicação entre diversidade e diferença de cultura: “Em geral, utiliza-se o termo [diversidade] para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo pelo seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a ideia de que a diversidade está dada, que ela pré-existe aos processos sociais pelos quais - numa outra perspectiva - ela foi, antes

de qualquer outra coisa criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, nas suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade”.

Com as explicações acima, podemos constatar que as peculiaridades de cada cultura resultam nas diferenças entre culturas, que trazem confusões e dificuldades quando tentamos compreender os pensamentos e os comportamentos de outros países, etnias e regiões, podendo levar a discriminações ou transigências. Com efeito, a razão mais relevante de formação duma língua é a acumulação da cultura relativa, portanto, o conhecimento de diferenças entre culturas é uma tarefa indispensável para a aprendizagem duma língua, que tem como objetivo eliminar todas as discriminações.

1.5.3 - Educação multicultural e intercultural

No contexto da globalização económica, a educação multicultural e a educação intercultural são dois fenómenos especiais de intercâmbio cultural, aos quais são dados novos significados após a globalização. Clarificar a relação e a definição de educação multicultural e de educação intercultural no contexto da globalização é um passo muito importante para a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Multicultural, segundo Hall (2009, p.50), consiste num “termo qualificativo que descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade, na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo que retêm algo da sua identidade ‘original’”.

Por outras palavras, o conceito multicultural representa a situação que diz respeito à existência de uma ou mais culturas numa sociedade.

Com base na característica multicultural duma sociedade, forma-se um novo

conceito que é intercultural, descrevendo a ação de integração ou interação entre os grupos e os indivíduos de culturas diferentes.

Walsah (2001) apresenta uma explicação mais explícita sobre a interculturalidade: “Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, económicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados” (pp.10-11).

No que diz respeito à educação, como afirma Canen (2010, p.176), “Cobra-se da educação e, mais especificamente, do currículo, grande parte daquelas que são percebidas como medidas para a formação de cidadãos abertos ao mundo, flexíveis em seus valores, tolerantes e democráticos”. A educação multicultural toma o multiculturalismo como base teórica principal, encorajando que os estudantes aprendam multiculturalismo, abandonem o preconceito, aprendam o conhecimento e os valores de diferentes grupos étnicos e classes e defendam o respeito mútuo e a tolerância para enfrentar diferentes géneros, raças e as diferenças causadas por fatores de classe, religião e região, advogando a descentralização em termos de raça, classe, género e geografia.

Ao mesmo tempo, a educação intercultural refere-se à aprendizagem e ao estudo da cultura de outras nações e países, de pessoas de diferentes nacionalidades, para melhor compreender outros países e as suas culturas. Segundo Vieira (2011, p.10), “a educação intercultural é uma proposta importante para a construção das democracias nas sociedades multiculturais.”

Por outro lado, Silva (2008, p.28) menciona que a dificuldade na educação intercultural reside em “pensar o uno no múltiplo e o múltiplo no uno. O ponto-chave desta concepção educativa é ela não se destinar somente às minorias diferentes, mas

tornar-se uma realidade sociopedagógica que afecta toda a comunidade do Estado ou região”. Como consequência, Galino (1990, p.16) apresenta as seguintes metas da educação intercultural:

1. “Promover a ideia de que a diversidade cultural, e neste caso étnica, é um elemento positivo para todos os cidadãos, tanto para os membros dos grupos maioritários como para os minoritários
2. Familiarizar cada grupo cultural com as características culturais dos outros grupos. Desenvolver o princípio de que todas as culturas são tão válidas e significativas como a própria.
3. Proporcionar aspectos culturais distintos aos alunos. Ajudá-los a interessar-se por dimensões pertencentes a outras culturas, como a música, a literatura, os estilos de vida de outros povos.
4. Introduzir atitudes e destrezas intelectuais, sociais e emocionais que permitam ao estudante situar-se adequadamente numa sociedade multicultural, como certamente será a do futuro, e integrada, como a desejamos.”

O ensino de línguas estrangeiras na China é ainda fortemente influenciado pela educação tradicional, com um grande foco no conhecimento linguístico, noções básicas de vocabulário e de gramática e avaliação. Porém, há pouco foco na consciência cultural dessa mesma língua e, por isso, sob essa estratégia de ensino, embora o domínio de língua estrangeira dos estudantes possa ser significativamente melhorado, a busca de um conhecimento cultural está seriamente ausente. Hoje em dia, com o desenvolvimento da globalização, a importância da consciência cultural do outro torna-se cada vez mais flagrante. Sendo que os estudantes de Línguas Estrangeiras devem ter um conhecimento fundamental e correto sobre as diferentes culturas, a abordagem a multiculturalidade e a interculturalidade tornam-se fundamentais.

1.6 - Os métodos de ensino de Língua Estrangeira

Introdução

Além de analisar a planificação do projeto curricular da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, este trabalho visa também analisar o modelo e os métodos de ensino desta universidade, pelo que a fundamentação teórica deve também apresentar os métodos de ensino de uma Língua Estrangeira.

O método Gramática e Tradução

O método de gramática-tradução, também chamada de a abordagem tradicional, historicamente, é a primeira e mais antiga metodologia que servia para ensinar as línguas clássicas como grego e latim.

Salles, Pallu e Lopes (2017, p.209) oferecem uma explicação que é a seguinte: “O Método de Gramática e Tradução (MGT) utiliza pouco a língua estrangeira propriamente dita, pois trabalha com a língua nativa na maior parte do tempo, os tópicos gramaticais são trabalhados, dedutivamente, com longas e elaboradas explicações e sua prática acontece, principalmente, por meio da tradução de frases entre a língua alvo e a língua primeira. Além disso, o vocabulário baseia-se nos textos que se almeja traduzir e a aprendizagem se dá por meio de palavras isoladas ou listas bilíngues.”

De acordo com Abdullah (2013, p. 125), “normalmente não há qualquer prática de audição ou fala, e muito pouca atenção é dada à pronúncia ou quaisquer aspectos comunicativos da língua. A habilidade exercida é a leitura e apenas no contexto da tradução.”

Boas e Costa (2013, p. 5) caracterizaram as desvantagens deste método afirmando que “o método de Gramática e Tradução certamente não é apropriado para desenvolver a habilidade comunicativa dos alunos, que têm de fazer um grande esforço para memorizar listas intermináveis de palavras e regras gramaticais raramente usadas.”

Sobre as desvantagens, Salles, Pallu e Lopes (2017, p.210) referem que, nesse

tipo de aula, “o professor é a autoridade em sala, a quem cabe a tarefa de apresentar os tópicos gramaticais e as listas de vocabulário ao aluno e traduzi-los como forma de prática. E o aluno, é passivo, cabendo-lhe memorizar as normas e as listas solicitadas.”

Com base nestas características, podemos confirmar que na China a maior parte de aulas de língua portuguesa usa o método de gramática e tradução.

O método direto

Ao contrário do método anterior, existe um método completamente baseado em habilidade e comunicação entre os alunos e os professores, durante o ensino, não podendo aparecer a língua materna. Este método chama-se o método direto.

Como mencionou Zainuddin et al. (2011, p. 64), “A ênfase está nas associações directas que o aluno faz entre os objectos e os conceitos e as palavras correspondentes na língua-alvo. Conecta-se o significado directamente com a língua-alvo, sem passar pelo processo de tradução. A utilização da língua nativa, como no método da gramática e tradução, é evitada; a utilização da língua-alvo é enfatizada em todos os momentos. Neste método, os principais objectivos são que os alunos pensem e falem a língua. Portanto, não é permitido o uso da língua nativa.”

Por sua vez, Boas e Costa (2013, p. 7) também referem que, “embora alguns representantes deste método apresentassem diferenças na sua aplicação, todos eles concordavam quanto aos princípios básicos, que propunham o ensino da língua através da conversação e discussão sem a explicitação de regras gramaticais ou o uso de língua materna do aluno.”

Dessa forma, as instruções em sala de aula são dadas exclusivamente na língua estrangeira. O vocabulário é apresentado por meio de mímicas, demonstrações ou recursos visuais e a gramática é ensinada indutivamente, ou seja, as regras são aprendidas por meio de formas linguísticas (Salles, Pallu, & Lopes, 2017).

Comparando com o método de Gramática e Tradução, neste método os professores e os alunos ocupam os lugares com a mesma importância, e a interação entre os professores e os alunos torna-se dinâmica. Sobre esta ideia, Larsen-Freeman (2000, p. 28) adiciona que, “Embora o professor direcione as actividades da aula, o papel do estudante é menos passivo do que no Método de Gramática e Tradução. Os professores e os alunos são como parceiros no processo de ensino/aprendizagem.”

Segundo estas características, podemos concluir que o método de ensino de Língua Portuguesa com os professores nativos é o método direto.

O método Audiolingual

Salles, Pallu e Lopes (2017, p.212) apresentaram a história do método Audiolingual (MA) afirmando: “o MA surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, como uma alternativa de aprendizagem rápida para os soldados, e tem por objetivo ensinar a língua estrangeira por meio de actividades de escuta de diálogos e da repetição destes, com pouca ou nenhuma explicação do professor, visando a uma proficiência semelhante ao de um nativo.”

Com base nisso, Prator e Celce-Murica (1994, p. 57) referem que as principais características do Método Audiolingual são as seguintes:

- “ 1. Os tópicos a serem aprendidos são sempre introduzidos em forma de diálogo.
2. O aprendizado depende em grande parte de memorização de conjuntos de orações e repasse constante de assunto.
3. Padrões da estrutura da língua são ensinadas através de exercícios de substituição estrutural
4. Há pouca explicação gramatical e a gramática é ensinada preferencialmente por meio de analogia indutiva.

5. O vocabulário é extremamente limitado e restrito ao contexto.
6. Há uso de fita, laboratórios de idioma e recursos visuais.
7. Dá-se grande importância à correção da pronúncia.
8. É permitido pouquíssimo uso da língua materna do aluno.
9. Há reforços imediato das respostas corretas através de pontuação e elogio.”

A abordagem comunicativa

Segundo Salles, Pallu e Lopes (2017, p.213), a Abordagem Comunicativa (AC), na perspectiva teórica, é aplicada por meio do Método de Ensino Comunicativo de Línguas.

“A abordagem comunicativa leva em consideração o interesse pelo desenvolvimento da competência comunicativa em uma língua estrangeira, seja falar, ouvir, escrever e fazer-se entender em outra língua. Esse interesse faz as pessoas buscarem métodos e lugares que acreditam ser o ambiente ideal para sua aquisição. Qualquer que seja o lugar onde se aprende esta nova língua, o aprendiz busca conseguir se comunicar fluentemente por meio dele. O desenvolvimento da competência comunicativa se justifica uma vez que a língua estrangeira é vista hoje como essencial no nosso dia-a-dia. Por isso percebe-se que o método comunicativo têm em comum características como: o foco no sentido, no significado e na interação entre sujeitos na língua estrangeira. Nesse ensino a aprendizagem baseia-se em atividades relevantes de interesse ou necessidade do aluno, para que assim ele aprenda a usar a língua estrangeira competentemente nas suas interações.”

De acordo com esta definição, qualquer prática de ensino que ajuda os alunos a desenvolverem a sua competência comunicativa em um contexto autêntico é considerada uma forma de instrução aceitável e benéfica.

O método comunicativo não segue necessariamente a tradição de estudar em salas de aula. Pode ser na rua, ou em qualquer sítio que seja um ambiente propício à aprendizagem da linguagem utilizada no dia a dia nas situações mais comuns. E não se dá ênfase na gramática e num vocabulário mais literário, mas sim coisas que não são comuns ouvir-se.

Capítulo II- A análise da planificação de TJFSU

Introdução

Neste capítulo, apresentamos as planificações de ensino de português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin. E analisaremos um caso, o da nossa universidade, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, abordando os modelos de aulas, os focos durante o ensino; analisando os benefícios e desvantagens. A seguir, apresentamos algumas estratégias para complementar o sistema de ensino de português na China e, em particular, nesta Universidade.

Geralmente, na China, o ensino de português tem duas fases. A primeira é a fase básica que inclui as aulas de conversação, as aulas de oralidade e audição e as aulas de gramática para o que se leciona fonologia, vocabulário e gramática. A segunda fase é a fase avançada, integrando aulas de tradução, literatura, história, cultura e interpretação.

2.1 - A planificação de ensino básico de LP na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin

Segundo os objetivos para o ensino da língua portuguesa, na fase básica, centram-se no ensino de competências gramaticais básicas (incluindo todos os modos e tempos verbais) a fim de que os alunos desenvolvam capacidades básicas de conversação, audição, leitura e escrita. São ainda objetivos desta fase fazer com que os alunos conheçam a situação geral dos países lusófonos e desenvolvam a capacidade de trabalhar e investigar de forma autónoma. Todos estes objetivos procuram proporcionar aos alunos bases sólidas que lhes permitam prosseguir os estudos na fase intermédia e avançar.

Na fase básica, no primeiro ano da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (TJFSU), as disciplinas e os créditos são os que se apresentam no quadro 1.

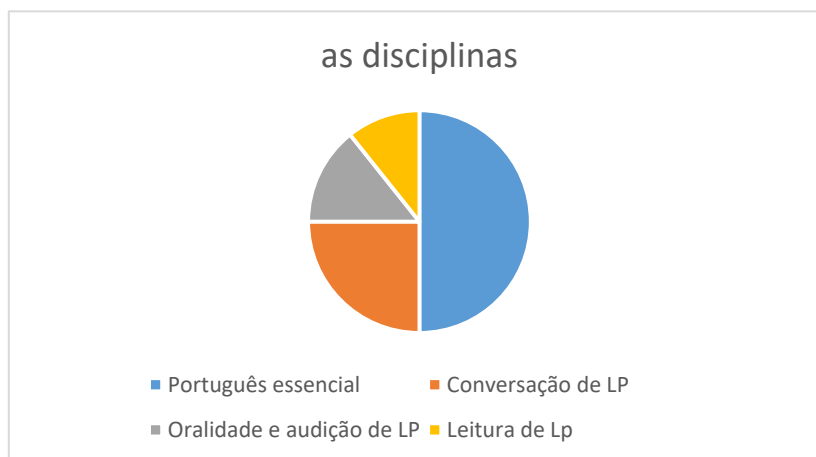
Quadro 1

As disciplinas de português na primeira fase: créditos e horas semanais

Disciplinas	Créditos	Horas por semana
Português essencial	7	4.5
Oralidade e audição de português	2	1.5
Leitura de português	1.5	1.5
Conversação de português	3.5	1.5

No gráfico que se segue é possível verificar a proporção entre disciplinas no primeiro semestre.

Gráfico 1



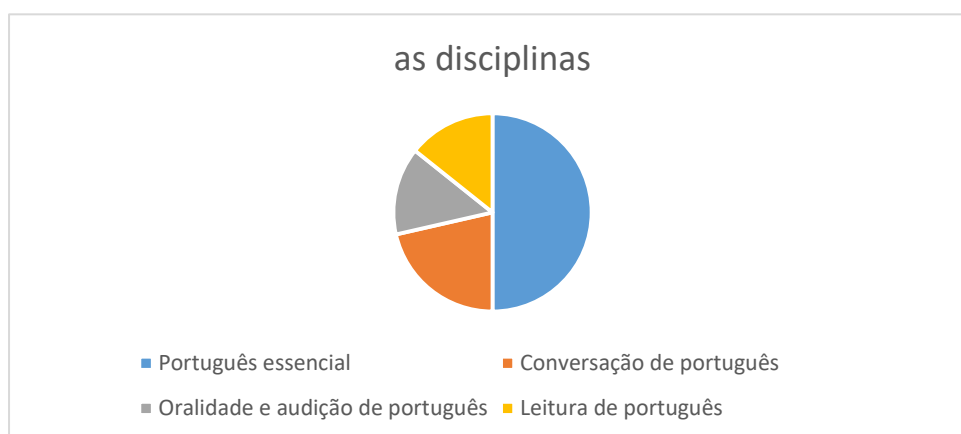
Quadro 2

As disciplinas, os créditos e horas semanais de português no segundo semestre

Disciplinas	Créditos	Horas por semana
Português essencial	7	4.5
Oralidade e audição de português	2	1.5
Leitura de português	2	1.5
Conversação de português	3	1.5

A partir do quadro 2, podemos formar um gráfico com a proporção das disciplinas no segundo semestre.

Gráfico 2



Na fase básica, no segundo ano da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, as disciplinas e os créditos são os seguintes:

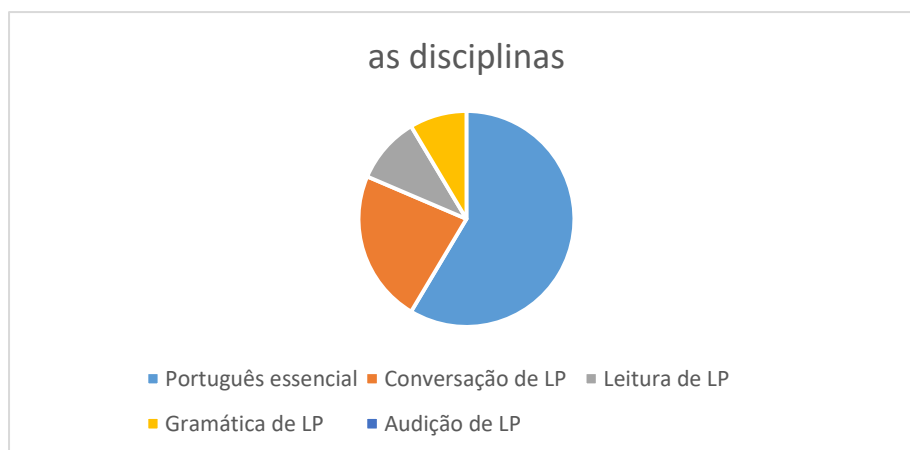
Quadro 3

As disciplinas, os créditos e horas semanais no terceiro semestre

Disciplinas	Créditos	Horas por semana
Português essencial	7	7.5h
Gramática da língua portuguesa	1.5	1.5h
Conversação de língua portuguesa	3	3h
Audição de língua portuguesa	1.5	1.5h
Leitura de língua portuguesa	2	1.5h

A partir deste quadro, apresentamos o gráfico com a proporção das disciplinas no terceiro semestre.

Gráfico 3



Quadro 4

As disciplinas e os créditos e horas semanais no quarto semestre

Disciplinas	Créditos	Horas por semana
Português essencial	5.5	6h
Gramática da língua portuguesa	1.5	1.5h
Oficial escrita da língua portuguesa	1.5	1.5h
Conversação da língua portuguesa	3	3h
Audição de língua portuguesa	1.5	1.5h
Leitura de língua portuguesa	2	1.5h

Os dados referidos neste quadro apresentamos, agora, em forma de gráfico.

Gráfico 4



Os quadros e gráficos acima apresentados e relativos a TJFSU procuram descrever mais claramente a proporção das disciplinas e os graus/semestres de ensino. Segundo os gráficos, é mais fácil comparar as horas das disciplinas assim como a sequência dos elementos linguísticos no ensino.

Analisaremos, de seguida, os métodos e procederemos à explicação das suas vantagens e desvantagens.

2.2 - Análise dos métodos de ensino de LP na TJFSU

2.2.1 - Análise do primeiro ano

Através do quadro 1, gráfico 1 e quadro 2, gráfico 2, podemos verificar que a maior parte da aprendizagem, no primeiro ano, é a disciplina de português essencial. Nesta disciplina, o manual que a maior parte dos alunos chineses usa é *Português para o ensino universitário*, escrito por Ye Zhiliang, editor de o ensino e a análise de línguas estrangeiras.

No processo de escrever estes livros didáticos, seguiu-se uma ideologia orientadora: apresentar os pontos de conhecimento relevantes de uma forma o mais abrangente quanto possível para o conteúdo temático de cada unidade. Desta forma, a quantidade de informação (incluindo vocabulário, gramática, etc.) de cada unidade é relativamente grande. Portanto, às vezes é impossível concluir uma unidade de estudo por semana. O professor controla flexivelmente o progresso do ensino de acordo com as situações reais dos estudantes.

Relativamente aos conteúdos, da primeira à quinta unidades do primeiro livro, abrange-se os conteúdos de aprendizagem de fonologia, da sexta à décima unidades do primeiro livro, envolve-se os conteúdos de consolidação de fonologia.

A fim de adicionar algumas diversões ao processo de aprendizagem que é monótono e aborrecido, alguns trava-línguas são adicionados aos exercícios de

pronúncia da sexta à décima unidades. Esses trava-línguas exigem não apenas que os alunos sejam proficientes em leitura em voz alta, mas também que possam decorar. Depois de completar 10 unidades de aprendizagem, os alunos devem dominar os conteúdos gerais de fonologia.

Começando com a 11^a unidade do primeiro volume, e especialmente o segundo volume, a gramática portuguesa será introduzida de forma mais intensiva. Além disso, a partir do segundo volume, uma introdução ao uso do vocabulário foi adicionada. As principais palavras e frases que aparecem no texto de cada unidade são acompanhadas das frases de exemplos correspondentes. O objetivo é aumentar o interesse dos alunos na aprendizagem, mas também apresentar os conhecimentos culturais mais relevantes. Assim, são intercalados alguns conteúdos históricos e culturais nos textos, assim como poemas clássicos de poetas famosos de Portugal e/ou do Brasil em cada unidade. Esses poemas, ensinados pelos professores, podem ser acompanhados de uma explicação simples e, posteriormente, recitados pelos alunos.

Por estes planos de ensino, podemos verificar que, no início do ensino de língua portuguesa na China, o foco de ensino concentra-se na fonologia, o que é bastante necessário para os estudantes chineses.

Segundo Paula (2010, p.3), embora “a pronúncia seja uma prática ultrapassada e conservadora, dando mais importância ao acto de comunicar em si, outros já concebem o ensino da pronúncia como um aspecto essencial para garantir o sucesso da capacidade de comunicação do aluno”.

De acordo com Lopes (1996, pp.42-43), “a exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto a do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, a cópia, xérox do falante nativo, não podem ter outro objectivo senão o de domínio cultural. Tal altitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar.”

Mas por causa da diferença de pronúncia entre a língua chinesa e a língua portuguesa, sendo os aprendentes chineses de português, devemos focar-nos na pronúncia portuguesa. Ao mesmo tempo, existe uma deficiência significativa que é o

melhor método de ensinar fonologia: deve ser ensinado por professores nativos. Mas no início da aprendizagem, os estudantes não possuem nenhum alicerce linguístico o que resulta, em nossa opinião, no facto de rejeitarem os professores nativos. Como consequência, as capacidades de pronúncia dos aprendentes dependem das situações dos professores chineses, na maior parte das vezes resultando em muitas incertezas no estudo e comunicações futuros.

Além desta disciplina, o curso que chega em segundo lugar é a conversação. Segundo a perspectiva de Esperança (s.d, p.14), se um aprendiz quer adquirir a competência comunicativa, que engloba tanto o conhecimento da língua como a capacidade de a usar, há que ter em atenção os quatro tipos de competências que se seguem.

- “1. a competência gramatical
2. a competência sociolinguística
3. a competência discursiva
4. a competência estratégica”

Nesta fase, os estudantes de línguas estrangeiras ainda não dominam o vocabulário suficiente nem formam as estruturas gramaticais corretas perfeitamente, o que faz com que as suas capacidades não cheguem para um nível de conversação. Com esta teoria, nesta fase, a disciplina de conversação não é muito essencial e importante, portanto não deve ocupar muito tempo.

Além disso, no primeiro ano, ainda têm duas outras disciplinas, que são a oralidade e audição de português, e a leitura. A audição sempre se revela um lugar essencial na aprendizagem da língua estrangeira e no desenvolvimento da aprendizagem. Após a audição, os estudantes aprendem em primeiro lugar a conhecer vozes, imitar sons e desenvolver uma linguagem. Em seguida, a audição também apresenta uma comunicação e um convívio social. Portanto, na minha opinião, a disciplina de audição deve ter um lugar com maior proporção/horas no ensino básico.

Sobre a disciplina de leitura. Segundo Sabino (2008, p.2), “a leitura reflexiva permite ampliar conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos; os leitores despertam para novas palavras que ainda não conheciam, despertam para a outra cultura, e conhecem as estruturas gramáticas. Assim, os horizontes perceptuais são ampliados.” A comunicação na aula de leitura tem como objetivo enriquecer o vocabulário e conhecer uma cultura diferente.

Neste caso, comparando com o primeiro semestre, a disciplina de leitura aumenta 0.5h, com base em vocabulário e estruturas gramaticais que estudam no primeiro semestre, e as horas de aumento destas duas aulas são adequadas, em nossa opinião.

2.2.2 - Análise do segundo ano

No primeiro semestre do segundo ano, é adicionada uma hora e meia de disciplina de gramática. O estudo da gramática nesta aula inclui as estruturas de frases, os tempos verbais, as conjugações, os nomes, os verbos, os pronomes, os artigos, as preposições, os advérbios, os adjetivos, as conotações direta e indireta.

Análise da disciplina de Gramática

A gramática tem a ver com os padrões generalizados da língua e a nossa capacidade para construir novas sintaxes e frases a partir de combinações de palavras e de regras gramaticais.

Com o que referimos, percebemos a importância do ensino de gramática. Após a aprendizagem de fonologia, o conhecimento de cultura, a competência de leitura do primeiro ano, o acréscimo da disciplina de Gramática torna-se uma reviravolta durante todo o ensino. Primeiro, a gramática permite-nos obter uma compreensão geral sistemática da linguagem, em segundo lugar, a gramática dá-nos oportunidade de expressar as nossas ideias de uma forma mais correta na comunicação diária e, por fim, a gramática é uma ponte que nos conduz para o nível mais avançado duma língua.

A disciplina de Gramática é um alicerce para a disciplina de Leitura e a disciplina de Oficial escrita. Por um lado, a compreensão da leitura é uma capacidade sintetizada dos alunos. A fim de adquirir essa capacidade, o conhecimento do vocabulário é apenas uma parte básica, o mais relevante é o domínio da gramática que é fundamental. Em muitos casos, a falta de conhecimento gramatical torna-se a causa direta da competência deficiente de compreensão de leitura dos alunos. Por outro lado, ao contrário da compreensão de leitura, que é uma habilidade importada de linguagem, a gramática não é relevante apenas para dominar a capacidade importada, mas também para a capacidade exportada, ou seja, a expressão da linguagem pode ser dividida em dois aspetos: um é escrita e o outro é oralidade. Em contraste com a compreensão de leitura, essa habilidade exportada da linguagem requer um nível mais alto de domínio gramatical. Segundo o Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015), percebemos que existe uma clara relação entre a escrita e a gramática da língua, uma vez que a gramática promove o desenvolvimento da capacidade de adequar formas de escrita a diferentes situações de comunicação e em contextos específicos, fazendo uso reflexivo das diversas modalidades da língua. Se houver falta de conhecimento gramatical, todos encontrarão muitos problemas no processo de expressão. Se dominarem as regras gramaticais estabelecidas, obterão um texto considerado correto. Como Martins e Niza (2001, p. 217) afirmam, “fazer evoluir essa escrita, por vezes incipiente, para uma escrita mais adequada ao que se quer dizer, mais compreensível para quem a lê, mais organizada sintacticamente, mais correcta do ponto de vista da ortografia e da pontuação.” Em síntese, a fim de que os estudantes melhorem a competência de escrita, é necessário complementar o conhecimento gramatical.

Neste caso, a gramática pode ser vista como uma regra de utilização de linguagem. No segundo ano do curso na Universidade, achamos que, sendo um nível intermédio durante o ensino, a disciplina de gramática deve ter mais proporção de horas.

Análise da disciplina de Escrita

No segundo semestre do segundo ano, acrescenta-se uma hora e meia da

disciplina de Escrita por semana. Esta disciplina tem como objetivos:

1. Abordar a expressão escrita numa perspectiva comunicativa, privilegiando a interação;
2. Rescrever textos a partir de modelos;
3. Produzir textos narrativos, argumentativos e expositivos;
4. Fazer sínteses de textos de natureza diversa.

A escrita é uma disciplina de nível mais elevado durante o processo de aprendizagem duma língua estrangeira, permitindo grande quantidade de palavras e utilizar todas as palavras e expressões para descrever os nossos pensamentos. A competência de escrita representa os resultados de aprendizagem duma língua. E a escrita é uma atividade muito complexa, que precisa de coesão textual, de acordo com Cassny (1999, p.82): “conjunto de relações ou vínculos de significado que se estabelecem entre diferentes elementos do texto e que permitem ao leitor interpretá-lo com eficácia.”

A capacidade de escrita tornou-se um dos critérios importantes para testar os domínios qualificados. Para os alunos poderem escrever artigos em língua estrangeira, é necessário usar frases com fluência e lógica explícita, mostrando as habilidades básicas e necessárias para os exames. Por esta razão, existem alguns alunos que apresentam insucesso na Universidade quando têm dificuldade em expressar os seus pensamentos na escrita.

Além disso, a disciplina de escrita é um curso abrangente e prático para estudantes universitários, enfatiza não só o ensino do conhecimento da escrita, mas também o treino das habilidades básicas na língua estrangeira, o que significa que a escrita é um trabalho mental extremamente complicado. A competência de escrita em língua estrangeira, além de exigir que os estudantes tenham conhecimentos básicos de estruturas gramaticais, bastante vocabulário e habilidade de argumentação lógica, também exige que os estudantes tenham uma compreensão ampla da sociedade, cultura,

história, etc. A disciplina de escrita também está intimamente relacionada à cadeira de literatura.

Na nossa opinião, uma hora e meia por semana é uma planificação adequada, mas o modelo de ensino em sala de aula pode ser melhorado. O ensino da disciplina de Escrita em língua estrangeira é uma interação de pensamentos entre professores e alunos, cuja forma de sala de aula é composta por alunos e professores, não é que os estudantes ocupem o lugar mais importante, mas os alunos não deveriam apenas produzir escritas para serem avaliadas. Os conteúdos básicos nas aulas de escrita em línguas estrangeiras deveriam incluir a apreciação de artigos, e o treino de escrita. Através da apreciação de vários artigos, os alunos aprendem a dominar os métodos e habilidades da escrita e compreendem melhor a combinação de teoria e prática, assim como os propósitos de cultivar e melhorar a habilidade da escrita. O treino de escrita inclui dois aspetos: preparação da escrita e processo de escrita, com base no conhecimento teórico geral da escrita e nas suas regras gerais.

2.3 - A planificação de ensino do nível intermédio de LP de TJFSU

A universidade envia os alunos em programas de intercâmbio para a Universidade de Lisboa no terceiro ano, onde os alunos aprendem acerca do ensino de língua portuguesa (LP) em Portugal.

2.4 - A planificação de ensino do nível avançado de LP de TJFSU

Segundo o Programa Curricular de Licenciatura da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (2008), tendo em conta os conhecimentos adquiridos na fase básica, as fases intermédia e avançada procuram desenvolver nos alunos as capacidades de compreensão oral, conversação, leitura e escrita. Ao mesmo tempo, enriquecem-lhes os conhecimentos sobre as culturas, as sociedades, a economia e o comércio dos países lusófonos. Nesta fase, dá-se também importância à teoria da língua e à capacidade de tradução e interpretação a fim de que os alunos possam trabalhar como tradutores, intérpretes ou noutros cargos que exigem um bom domínio da língua portuguesa.

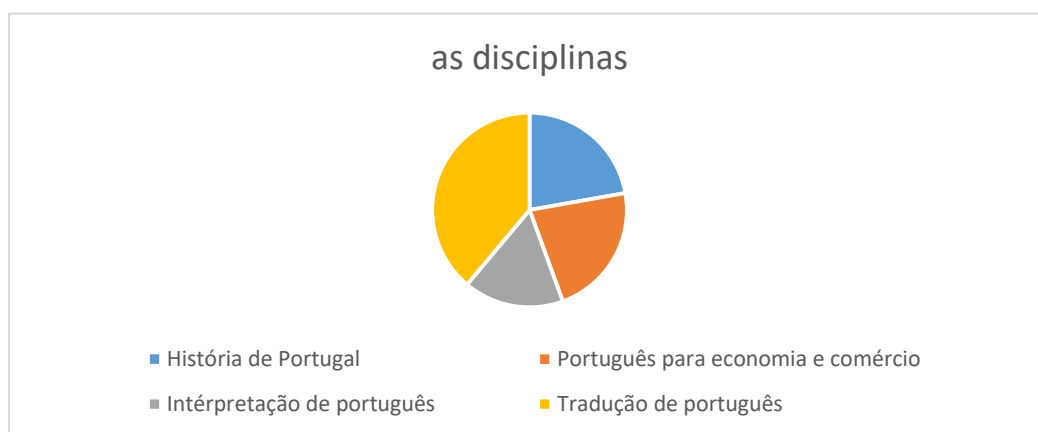
Com esta intenção, no quarto ano da Universidade, as disciplinas e os créditos são os que se seguem.

Quadro 5

Disciplinas	Créditos	Horas por semana
História de Portugal	2	2
Português para economia e comércio	2	2
Interpretação de português	1.5	1
Tradução de português	3.5	4

A partir deste quadro, apresentamos um gráfico que representa proporcionalmente as disciplinas estudadas no quarto ano.

Gráfico5



No quarto ano da Universidade, que pode ser visto como o ensino avançado de LP, a planificação das disciplinas é completamente diferente do ensino básico (primeiro e segundo anos). Em primeiro lugar, só existem lições no primeiro semestre,

para que os alunos tenham tempo para fazer estágios e dissertação no segundo semestre. A segunda diferença é a redução de disciplinas para apenas quatro: História de Portugal, Português para Economia e Comércio, Interpretação de Português e Tradução de Português, num total de 9 horas semanais.

2.5 - Análise de ensino avançado de LP de TJFSU

Análise da disciplina de tradução

Dentro das quatro disciplinas, a cadeira de Tradução de Português ocupa maior tempo, tendo duas aulas e quatro horas por semana.

Geralmente, a tradução tem sido vista com o objetivo de estudar uma língua estrangeira, mas, na verdade, também é o início da aprendizagem.

Por um lado, o método da gramática e tradução, ou método tradicional, consiste na tradução de textos da língua alvo para a materna. Nesse método, os alunos tendem somente a memorizar as regras da gramática imposta pela língua a ser estudada, e busca-se a tradução como um tipo de exercício frequente. Através de atividades de tradução os alunos são expostos a regras gramaticais, listas de vocábulos, conjunções verbais e outros componentes da gramática. No início da aprendizagem de uma língua estrangeira, traduzimos sempre as palavras novas e as frases desconhecidas para a língua materna a fim de perceber mais facilmente, e é dessa forma que a tradução aparece pela primeira vez na aprendizagem dos estudantes.

Por outro lado, sendo mais importante, a tradução representa o resultado de estudo de cada aluno. A tradução é o processo de transformar uma língua em outra língua, mais especificamente, a tradução é uma atividade de comunicação intercultural que transmite a informação inteira duma língua para outra língua o mais precisa e apropriada possível, sendo a essência a transmissão de informação.

Segundo Costa (1988, apud Liberatti, 2012, p. 181), no que diz respeito à disciplina de Tradução, “a tradução pode ser considerada como uma quinta habilidade

ao lado da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita. O ensino de línguas ganharia a dimensão cultural (que ele, em geral, não apresenta actualmente) e poderia mesmo ser mais produtivo na medida em que certos problemas de aprendizagem fossem melhor identificados. Do ponto de vista prático, o hábito da tradução (tanto da língua materna para a estrangeira como em sentido contrário) resulta muito útil, porque são inúmeras as situações (tanto no país quanto no exterior) em que se necessita a habilidade tradutória (estudo de textos, auxílio a pessoas monolíngues, tradução de cartas e documentos, etc.).”

Portanto, esta disciplina exige que os alunos tenham um alto nível de conhecimento linguístico, abrangendo uma grande quantidade de vocabulário, expressão e dominando todas as regras gramaticais. Após o ensino básico, em que os estudantes aprendem os elementos fundamentais de conhecimentos linguístico, é necessário e preciso acrescentar essa disciplina. Considerando a importância da tradução, concordamos com a atribuição de quatro horas por semana a esta disciplina.

Sugestões para esta disciplina

Inicialmente, no ensino em sala de aula, os professores introduzem principalmente os métodos e técnicas de tradução, permitindo que os alunos usem os métodos e técnicas que aprenderam para realizar um grande número de práticas de tradução, a fim de rever, praticar e dominar de acordo com os conteúdos e os focos que os professores ensinam. Esta cadeira é inseparável de três elos específicos no processo de ensino:

- (1) Os alunos fazem exercícios - o professor organiza regularmente a quantidade apropriada de exercícios relevantes;
- (2) Corrige as tarefas;
- (3) Comentários da sala de aula - os professores comentam os problemas existentes nos trabalhos de casa, especialmente analisam e resumem as dificuldades e erros para

descobrir a regularidade e melhorar.

Os professores também podem saber os níveis de tradução por meio de perguntas em sala de aula, com o objetivo de desenvolver nos alunos as capacidades precisas, a fluência na escrita e a fácil compreensão.

O ensino em sala de aula deve ser combinado com a aprendizagem extracurricular dos alunos. A aprendizagem extracurricular é uma extensão e ampliação, sendo uma maneira importante de cultivar e desenvolver as habilidades dos alunos. Portanto, os professores também devem orientar os alunos a aprender de forma extracurricular pedindo aos alunos que analisem os materiais a sério, a fim de ampliar os seus conhecimentos. Há muitas maneiras de estudar fora da sala de aula, incluindo ler obras literárias em ambas versões (chinês e português), assistir a traduções simultâneas de transmissões ao vivo de várias conferências de imprensa, etc.

Análise da disciplina de Interpretação

De acordo com a explicação do Dicionário Priberam, o intérprete significa a pessoa que traduz numa língua o que ouve noutra.

Por um lado, quanto à vida quotidiana, o trabalho de intérprete está relacionado com a interação comunicativa social e cultural. Por outro lado, quanto ao trabalho profissional, conforme a explicação que se segue:

“Os intérpretes transpõem um discurso oral emitido numa língua para outra língua e funcionam como elo de ligação entre pessoas que comunicam verbalmente entre si em idiomas diferentes. As principais modalidades de interpretação existentes são a interpretação de acompanhamento, a interpretação judicial e a interpretação de conferência. O intérprete de acompanhamento é o profissional que, acompanhando determinada pessoa, interpreta em ambos os sentidos os diálogos que esta estabelece com interlocutores que comunicam numa outra língua. A interpretação judicial, por seu lado, é a interpretação que é realizada no âmbito de um julgamento e a interpretação de

conferência é a que tem lugar em reuniões multilingues formais, designadamente congressos, seminários, conferências, mesas-redondas, encontros ou jornadas.”⁵

Segundo a situação de desenvolvimento de relações internacionais, o trabalho de intérprete é uma ponte e um elo para comunicações recíprocas na sociedade global, e o desenvolvimento de interpretação também é um requisito inevitável para a reforma e a abertura da China. Os intérpretes profissionais desempenham um papel muito importante no desenvolvimento económico e no progresso social dos países, especialmente em termos de absorção de conhecimentos científicos e tecnológicos avançados no exterior e de fortalecimento das trocas e cooperação internacionais.

Neste caso, podemos verificar que a disciplina de Interpretação tem uma exigência avançada, resultando na oferta de conteúdos básicos e de conhecimentos simples na Universidade. Portanto, a planificação desta disciplina para uma hora por semana parece-nos ser adequada.

Análise da disciplina de história portuguesa

Aprender uma língua não é apenas estudar a língua própria, mas mais importante, é a história e a cultura do seu país. A compreensão da história também ajuda a aprofundar a cognição da linguagem. Mas no quarto ano da Universidade não se está na fase de aprendizagem de uma língua, mas sim na fase de aplicação dessa língua. Como consequência, consideramos que o curso de história deve ser no segundo ano ou no terceiro ano, e não no quarto ano.

⁵ http://www.citi.pt/mqe/guia_profss/texto/tradutor.html

Análise da disciplina de Português para Economia e Comércio

Acrescentar esta disciplina ao quarto ano tem como objetivos preparar os alunos para os trabalhos que se seguirão e satisfazer as necessidades do mercado. O material utilizado nesta disciplina é a obra *Temas Económicos-Comerciais em Português* (2008). A parte principal deste livro é composta por quinze unidades, cada uma dividida em duas partes: texto e prática, que treinam duas habilidades básicas (i) compreensão de leitura e (ii) tradução profissional. A parte relativa ao texto consiste em um ou vários artigos sobre os tópicos mencionados. No final do livro, há também quatro apêndices, que apresentam a tradução de alguns grandes grupos económicos regionais, ministérios nacionais chineses e algumas outras agências governamentais, algumas abreviaturas económicas e comerciais comuns e o vocabulário económico e comercial.

Considerando o futuro dos alunos, acrescentar a disciplina de português nas áreas de Economia e Comércio parece-nos correto e adequado.

2.6 - Conclusão geral sobre a planificação de TJFSU

Na fase de ensino básico, no início, temos aulas de Português Essencial (com estudo principalmente de fonética), Conversação, Oralidade e Audição, e Leitura. De entre estas disciplinas, o Português Essencial ocupa um lugar mais importante e domina o tempo curricular maior, pelo que devemos dar grande estima. Com efeito, os sons corretos, o ritmo adequado e a entoação perfeita são os elementos fundamentais para a interação e a comunicação com os nativos e outros que falam português. Não podemos estudar uma língua sem falar e comunicar. Se não o fizermos, é bastante prejudicial no processo de aprendizagem duma língua estrangeira.

Ao mesmo tempo, é merecido acrescentar a proporção da disciplina de Oralidade e Audição, que deve ser tão importante como a aprendizagem de fonética. Como sabemos, depois de audição, os alunos treinam a capacidade de conhecer os sons

e imitar vozes e sensações com os nativos, o que constitui a base para a aprendizagem de fonética, oralidade, conversação e até influencia o estudo de outros conhecimentos linguísticos.

A seguir, na segunda fase de ensino, com base nas disciplinas primordiais, adiciona-se a disciplina de Gramática e Escrita com maior proporção e horas semanais da disciplina de Gramática. Na verdade, trata-se de uma disciplina de importância significativa, na segunda fase de ensino básico, e que promove o desenvolvimento sistemático e organizado da aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo o principal alicerce para o domínio da língua estrangeira. O aumento das horas semanais nesta disciplina é bastante adequado uma vez que, nesta fase, os estudantes que dominem um bom vocabulário e tenham conhecimento de estruturas de frases simples, possuem assim boas capacidades de leitura e compreensão. É o momento perfeito para ter a disciplina de Gramática, que se pode tornar um forte impulsionador durante a aprendizagem dos estudantes.

Além disso, a adição da disciplina de Oficial Escrita parece relevante também, pois a Escrita é uma disciplina de nível mais avançado durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, que permite o domínio de grande quantidade de vocabulário e capacidade de prática de todos os conhecimentos linguísticos, especialmente a estrutura de frases e artigos. Exige também dos alunos a utilização de frases com fluência e lógica explícita. Neste caso, quanto à planificação de horas semanais e de créditos, não é necessário ter muito tempo para este tipo de disciplina, uma vez que é uma disciplina de sintetização geral de todas as competências de conhecimento de uma língua.

Na fase de ensino avançado, os estilos, as planificações e os créditos das disciplinas são completamente diferentes das disciplinas no ensino básico. As disciplinas são História de Portugal, Português para a Economia e Comércio, Tradução de Português e Intérprete de Português. A planificação, desta fase, tem como objetivo preparar os alunos para as suas futuras profissões. São disciplinas mais práticas e de

desenvolvimento das capacidades dos alunos do que disciplinas de mera aprendizagem teórica. As disciplinas de Tradução e Interpretação de Português podem representar a competência essencial dentro do trabalho no futuro.

Por outro lado, existem também muitas desvantagens na planificação de disciplinas como, por exemplo, a inserção da disciplina de História no quarto ano e a falta de uma disciplina de Cultura e Vocabulário. Por causa de diferenças culturais entre as culturas ocidental e oriental, é necessário que os alunos de línguas estrangeiras possuam a capacidade de comunicação intercultural, permitindo uma compreensão profunda de cultura, de sociedade, de língua e de vocabulário, temas que irão ser apresentados como propostas no próximo capítulo.

Capítulo III - O enriquecimento do conhecimento

lexical

Introdução

Segundo a análise da planificação de TJFSU, podemos verificar que não há a disciplina de vocabulário. Com efeito, o ensino de vocabulário insere-se noutras disciplinas, como a disciplina de leitura, a disciplina de escrita e a disciplina de audição. De facto, a ausência desta disciplina não se encontra apenas no currículo de TJFSU, mas também no ensino de língua estrangeira no geral e até mesmo no ensino de língua materna.

Na verdade, a disciplina de vocabulário não é uma disciplina que visa só ensinar novas palavras ou explicar certas palavras, mas tem também o objetivo de enriquecer os alunos com conhecimentos lexicais.

Neste capítulo, vamos analisar a importância do conhecimento lexical e as estratégias que podemos aproveitar para desenvolver a consciência lexical. Mais detalhadamente, este capítulo incidirá sobre o desenvolvimento do vocabulário no ensino, considerando alguns aspetos essenciais que estão na base do conhecimento de uma palavra como, por exemplo, as constituições de famílias de palavras, os prefixos, sufixos erradicais; sinónimos e antónimos e outras relações entre as palavras (hiperónimos, hipónimos, holónimos, merónimos).

3.1 - A importância de vocabulário na aprendizagem de LP

Durante a minha aprendizagem de português, cada vez mais considero que o vocabulário é um componente essencial no sistema linguístico de um idioma. Para os aprendizes de uma língua estrangeira, pode dizer-se que o vocabulário e as relações lexicais são duas das áreas mais importantes.

O conhecimento de vocabulário fica em proporção com todas as vertentes da língua. No início do ensino de uma língua, costuma-se focar mais a atenção na

gramática, porque esta estrutura um enquadramento explícito da língua, enquanto que, a nível prático, na oralidade, o vocabulário ocupa a maior parte da aprendizagem. Podemos imaginar que se uma frase contém as palavras corretas, mas a gramática estiver errada, muitas vezes é possível perceber o significado. Contudo, se uma frase for formada por palavras desadequadas, ainda que a gramática esteja correta, é provável que o orador não seja entendido.

Quando referimos a aprendizagem de vocabulário, isso visa sempre aumentar as capacidades linguísticas no que diz respeito a dois aspetos: por um lado, a quantidade do conhecimento do vocabulário em si, e, em segundo lugar, aquilo que se refere à qualidade, ou seja, a capacidade de domínio dos significados de uma palavra.

Segundo Duarte (2011, p.9), “as palavras são instrumentos extremamente poderosos, na medida em que contribuem para adquirirmos conhecimentos novos, melhorar a capacidade de exprimir ideias e conceitos, promovendo a compreensão da leitura e a qualidade da produção escrita.”

Na área de vocabulário, nos inícios da aprendizagem, temos os conteúdos de alargamento, adequação e variedade. Quanto à compreensão de texto, o conteúdo é alargamento temático. Quanto à compreensão e expressão, a variedade e a precisão de vocabulário deve ser o conteúdo. No ensino intermédio, como o objetivo é o desenvolvimento de capacidades progressivamente mais complexas, é necessário ter uma base de vocabulário mais forte. E no domínio da área literária, o objetivo principal é capacitar os alunos para a leitura, compreensão e a fruição de textos literários. Todas elas exigem o domínio de um vocabulário próprio.

Para concluir, o domínio e o enriquecimento de vocabulário são indispensáveis em todos os níveis durante o ensino. Mas a disciplina de enriquecimento de conhecimento lexical, que visa conhecer uma palavra por constituição de famílias de palavras, prefixos, sufixos, sinónimos e antónimos e outras relações entre as palavras, é melhor começar no ensino intermédio com alicerce de conhecimento básico de vocabulário.

3.2 - Revisão crítica de *O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência lexical*

Nesta obra de Duarte (2011), discute-se a importância do conhecimento lexical no sucesso do ensino. Duarte (2011, p.13) explica em que consiste a complexidade envolvida no conhecimento das palavras, ou seja, “dominar uma palavra significa conhecer intuitivamente a sua forma fônica, a sua forma gráfica, a classe a que pertence, a subclasse, entre outros aspectos”.

No que diz respeito ao ensino, Duarte (2011) menciona uma dificuldade que os professores portugueses enfrentam quando tratam das questões lexicais, e que se aplica igualmente relativamente ao nosso trabalho, que é a falta de recursos e de estudos sobre frequência das palavras, dos prefixos e dos sufixos.

Muito acertadamente, do nosso ponto de vista, a autora refere que para os alunos escolarizados a estrutura interna das palavras e os contextos de ocorrência são fontes importantes do conhecimento sobre as palavras. Por outras palavras, é necessário ter a capacidade de identificar numa forma complexa o radical, os prefixos e os sufixos, os quais se constituem significativos para a descoberta do significado de palavras até aí desconhecidas. Isto mesmo que, nem sempre, a uma dada forma fônica e ortográfica corresponda uma determinada unidade morfológica.

Duarte (2011, pp.23-27) também enumera os componentes essenciais do ensino orientado para o enriquecimento do “capital” lexical, os quais são: “encorajar e apoiar a leitura de muitos textos de vários tipos, promover a consciência lexical, ensinar explicitamente novas palavras e levar os alunos a desenvolver estratégias de descoberta do significado”.

Em nossa opinião, os componentes mais relevantes e mais úteis para este trabalho são promover a consciência lexical e levar os alunos a descobrir o significado. A autora defende também a estratégia de associação de palavras (sinónimos, antónimos), a constituição de famílias de palavras (palavras com o mesmo radical, o mesmo prefixo

e o mesmo sufixo), que permite construir e alargar as redes semânticas associadas a cada palavra. Apreciámos também uma das propostas da autora, a qual chama a atenção para a necessidade de treinar nos alunos a capacidade de inferir o significado de uma determinada palavra (ou forma de palavra); isto é, quando o aluno encontra uma palavra que não conhece, pode observar a estrutura da palavra, procurando conhecer o radical ou identificando algum prefixo ou sufixo já conhecido.

Para ajudar os alunos a enriquecer o vocabulário autonomamente e complementando alguns dos conceitos anteriores, são ainda sugeridos alguns recursos como, por exemplo: 1) diário de um descobridor de palavras; este diário deverá conter a palavra e onde ela foi encontrada, tentando adivinhar o que ela quer dizer, e como se usa essa palavra numa frase; 2) listas de prefixos e de sufixos e de radicais eruditos.

No nosso ponto de vista, esta parte é a mais importante da obra, não apenas por ser uma grande ajuda para os alunos no que diz respeito ao desenvolvimento da sua consciência lexical, mas também por fornecer uma boa orientação e ideias para os professores que ensinam o vocabulário.

Relacionado com este conteúdo, na secção 7, apresentam-se exemplos de atividades centradas na estrutura interna das palavras. Com as “casinhas de palavras” são fornecidos aos alunos elementos que entram na constituição de palavras derivadas, devendo os alunos identificarem a palavra que resulta da combinação desses elementos. Arrumar as palavras com determinados sufixos e prefixos. Formar outras palavras através da aplicação de um processo morfológico regular.

Além dos conteúdos antes referidos, descrevem-se alguns aspetos dos significados das palavras, exemplificam-se atividades focalizadas na forma fonológica das palavras e na relação entre esta e a respetiva forma ortográfica.

Apesar de não ser muito extensa, esta obra é, pois, bastante completa e a estrutura está bem organizada. Não só a descrição do desenvolvimento da consciência lexical é muito detalhada, mas também se fornecem muitos exemplos e atividades

práticas. Para os professores que trabalham nesta área, é sem dúvida uma grande inspiração.

3.3 - As estratégias de enriquecimento lexical

Tendo em conta as observações anteriores partiremos agora para algumas estratégias que os professores poderão adotar para orientar os alunos na expansão do seu vocabulário quando estejam a aprender uma língua estrangeira, estabelecendo a ligação com alguns aspetos essenciais da gramática.

Primeiro, numa aula, os professores podem dar uma ficha com listas de prefixos e sufixos, quer aqueles que têm um significado lexical mais relevante, como aqueles que desempenham sobretudo uma função, bem como uma ficha de radicais eruditos que ocorrem mais frequentemente nos textos que os alunos leem, para que eles percebam como esses elementos permitem formar novas palavras.

As fichas poderão consistir no seguinte:

Prefixos	Significado	Exemplos
Des-	Ação contrária de...	O mecânico esteve a desmontar o motor do carro.
Hiper-	Além de, grande	O Rui foi às compras ao hipermercado.
In-/i-	Negação, privação de...	A decisão é ilegal.
Re-	Repetição	Já fiz a conta, mas vou ter de a refazer porque o resultado está errado.

Sufixos	Significado	Exemplos
---------	-------------	----------

- agem	Ato de / resultado de... Coletivo de....	Lavagem (ato de lavar) Folhagem (conjunto de folhas)
-aria	Local onde existe / há / se vende...	Peixaria (loja onde se vende peixe)
-ção	Ação ou resultado de	Navegação (ação ou resultado da ação de navegar)

Como base nestas fichas, os professores podem dar alguns exemplos de frases e desenvolver uma atividade destinada a completar os espaços, como nos seguintes exemplos:

- Quem joga futebol, é um futebolista. Quem vende flores, é uma-----

(depois de completar o espaço, o aluno continuará a formar frases, de acordo com este modelo. Por exemplo, quem trabalha/atende com o telefone, é uma telefonista....)

- Quem não está contente, está -----, quem não está feliz, está -----

(preencher os espaços em branco)

- Quero comprar peixe, vou à -----

(preencher o espaço em branco)

Estes são alguns exemplos de atividades que poderão ser dinamizadas com os alunos. Para isso, é necessário que os professores identifiquem todos os morfemas (prefixos e sufixos) que sejam mais frequentemente utilizados na formação de novas palavras para elaborarem os exercícios que os alunos terão de resolver.

Para os alunos, o conhecimento do processo de formação de palavras através da junção de um sufixo ou prefixo, apresenta-se como uma ótima e interessante forma

de conhecer novas palavras, porque permite-lhes, ao fim de um tempo, intuitivamente, saberem certas palavras e também de as compreenderem quando as ouvem.

Sobre como se formam as palavras é, igualmente, muito importante, ainda que possam ocorrer certas exceções, pois um sufixo e um prefixo nem sempre possuem a mesma definição em todas as palavras. É, no entanto, sempre útil dar a conhecer a generalidade dos casos de forma a que o aluno possa ampliar o seu vocabulário.

Segundo, importa observar os antónimos e os sinónimos de palavras de forma a obter um vocabulário mais amplo. Por vezes, as palavras opostas são completamente diferentes também ao nível da forma. Nesta atividade podemos utilizar a mesma palavra, para a qual deverão ser fornecidos um antónimo e um sinónimo. Listando três colunas, na primeira escreve-se o sinónimo e na terceira escreve-se o antónimo em referência à palavra que se encontra no meio, na segunda coluna.

Como, por exemplo:

1	Sinónimos	Antónimos
feliz	contente	triste
	honesto	
	leal	
	sensível	

É possível os alunos utilizarem várias palavras para preencherem as colunas, podendo usar o dicionário ou até perguntar a outros colegas. Tal está de acordo com o objetivo desta atividade que é ampliar o vocabulário.

Terceiro, ampliar o vocabulário pode passar por outro processo de formação de palavras, estabelecendo “família de palavras” (o conjunto de palavras que têm a

mesma origem como, por exemplo, para a palavra primitiva casa, em que temos as palavras: casario, casarão, casinha, etc); palavras primitivas (são as palavras que dão origem às palavras derivadas enquanto que as palavras derivadas são palavras formadas a partir da palavra primitiva).

Deste modo, com estes conceitos, quando encontramos uma nova palavra como por exemplo, *flor*,

Neste exemplo, a partir de *flor*, os professores podem listar todas as palavras que são da mesma família de "flor" e explicar os significados de cada uma dessas palavras. Ou, também podem elaborar um exercício no qual se faça a correspondência entre cada palavra e o significado adequado. Como os alunos têm de concluir o exercício por si próprios, o efeito de conhecer a palavra por si mesmos será melhor do que quando são os professores simplesmente a fornecer-lhes explicações.

Os exercícios poderão ser como o seguinte:

Florir	flor pequenina
Flora	vaso onde se colocam flores
Florista	conjunto das plantas de uma região ou país
Floricultura	arte /técnica de cultivar flores
Florinha	aparecimento das flores numa planta
Floração	deitar flor
Floreira	pessoa que vende flores

Por outro lado, os docentes podem partir de uma palavra e fornecer várias definições sobre as palavras da mesma família, deixando aos alunos a tarefa de completarem os espaços em branco, segundo cada um dos respetivos significados.

Como, por exemplo:

Chuva	
Grande quantidade de chuva	
Cair chuva	
Chuva miudinha	
Cair chuva miudinha	
Abundante em chuva	

Por fim, uma outra estratégia para desenvolver o vocabulário poderá tomar como referência a noção de campo lexical. De acordo com o Dicionário Terminológico, "campo lexical" é o conjunto de palavras associadas pelo seu significado a um determinado domínio conceptual, representando assim, as relações hierárquicas entre as palavras.

Os professores poderão selecionar um conjunto de palavras entre as quais existam relações de todo-parte ou de inclusão. Aos alunos será pedido que desenhem um mapa semântico que represente graficamente as relações entre as palavras dadas (Duarte, 2011).

Os exemplos poderão ser os seguintes:

No corpo humano temos: ____ (cabeça), ____ (boca), ____ (braços).....

Entre os animais encontramos: ____ (gato), ____ (atum), ____ (esquilo).

3.4 - Síntese geral sobre o ensino de enriquecimento de vocabulário

O vocabulário é a unidade básica para a construção da linguagem, a par da oralidade e da gramática. É o alicerce na aprendizagem que ajuda o aluno a melhorar o seu progresso. É impossível aprender uma língua estrangeira negligenciando o enriquecimento de vocabulário e a aprendizagem de vocabulário de alta eficiência. Pode-se dizer que a quantidade de vocabulário é um indicador importante para justificar

o nível de uma língua estrangeira. Normalmente, quanto mais dominam vocabulário, melhor é a capacidade de aplicar e articular a linguagem.

Neste caso, os métodos e as estratégias de enriquecer o vocabulário são altamente importantes. Neste capítulo apresentaram-se algumas propostas.

Capítulo IV - O ensino de cultura

Segundo a análise do último capítulo, não é difícil descobrir que a planificação curricular de TJFSU carece da disciplina de Cultura. Além disso, a disciplina de História aparece apenas no último ano do curso da Universidade. Esta situação mostra que o ensino de cultura começa depois do domínio de conceitos linguísticos, sendo isto bastante incompreensível. Na verdade, não só em TJFSU como em quase todas as universidades chinesas não se inclui esta disciplina, o que se reflete na ausência de consciência de conteúdo de todo o sistema de ensino de LE.

Este tipo de ensino sem a abordagem a cultura leva sempre a resultados prejudiciais. Embora entendam o conhecimento gramatical, dominem grande quantidade de vocabulário e tenham pronúncia e entonação padronizadas de LP, muitos aprendentes conseguem entender só as palavras no texto, em vez de entender todo o conteúdo do artigo. E quando comunicam com os nativos, às vezes não conseguem entender-se uns aos outros e, outras vezes, não conseguem expressar plenamente o que querem dizer, criando mal-entendido, muitas vezes. Para concluir, o ensino e a aprendizagem de cultura é um elemento vital para o ensino e a aprendizagem duma língua.

Este capítulo, apresenta e analisa a relação entre a língua e a cultura respetiva, a importância de cultura para o ensino e a aprendizagem de LE. E inclui um inquérito para investigar este assunto.

Em nossa opinião, a importância de cultura para a aprendizagem de uma língua pode ser dividida em dois aspetos: o primeiro é quando se estuda a LE no início, e o outro é a prática duma língua.

4.1 - A importância da cultura na aprendizagem de LP

Em primeiro lugar, com o que se apresentou na fundamentação teórica, a

cultura compõe-se de a arte, a história, as crenças, os conhecimentos gerais, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos de uma região, um grupo, um país. Neste caso, a língua também é uma parte da cultura, porque a língua é uma expressão da mente, influenciada pelos nossos pensamentos, que são afetados pela cultura de base.

Em segundo lugar, a língua exprime um panorama social. A formação e a normatização de LP estão relacionadas com a história e os acontecimentos relevantes em Portugal. Se quisermos dominar a LP, é necessário conhecer a sua história.

Segundo a História de Portugal, a língua portuguesa tem influências do latim, das línguas românicas, do árabe. Como foi a língua oficial do Império Romano, o latim afetou muito a língua portuguesa e levou os dialetos também. Após o colapso do Império Romano, a presença germânica, sobretudo os três séculos de domínio visigótico ⁶, deixaram numerosas palavras na língua portuguesa, sobretudo na onomástica, toponímia, e palavras em regra poéticas ou guerreiras como, por exemplo, guerra, elmo, bando, guardar, ... Também a letra no português moderno teve origem na escrita visigótica. ⁷

E com a conquista de tropas muçulmanas, a principal influência árabe foi no léxico: o português moderno regista 945 palavras de origem árabe, especialmente em relação à agricultura, comércio e administração.⁸ Normalmente, estas palavras portuguesas de origem árabe começam com prefixo a- e al- como, por exemplo, açúcar, alface, arroz, alfândega, armazém. A influência árabe é também visível em topónimos árabes em Portugal, principalmente no sul do país, tais como Algarve.

Para concluir, se conhecermos a origem e a história de LP, isso facilita a compreensão da formação de língua e o processo de aprendizagem de língua, e ajuda-

⁶ Os visigodos foram um de dois ramos em que se dividiram os godos, um povo germânico originário do leste europeu.

⁷ Palavra suevas e visigóticas, Ciberdúvidas, Língua portuguesa

Afonso, M. G (s.d, p.2). *História da língua portuguesa, Monografias*.

⁸ *Influência árabe na língua portuguesa*. Ciber dúvidas.

nos especialmente a memorizar as palavras, entender a gramática, estudar as estruturas. Existe um ditado chinês, que diz: “é mais importante saber porquê do que o quê”, sendo bastante explicativo do ensino de cultura para o ensino de língua.

Em terceira lugar, o conhecimento de cultura pode motivar o interesse de estudar uma língua porque o interesse é a melhor dinâmica para que os estudantes imitem o modo de falar dos nativos, pensem de acordo com as suas lógicas, façam amizade com os nativos a fim de praticarem e elevarem o seu nível de proficiência em português.

4.2 - A importância da cultura na aplicação de LP

Além da aprendizagem de LP, a aplicação da língua nas áreas de literatura, escrita, tradução e interpretação, a cultura ocupa também um lugar bastante relevante para influenciar os alunos.

Em primeiro lugar, o conhecimento cultural influencia a aplicação do vocabulário, porque os contextos culturais de diferentes línguas são diferentes, as palavras da mesma coisa representam significados distintos em cada língua. Por exemplo, *o porco* em chinês significa as pessoas estúpidas, enquanto que não há este significado em português. E a *senhorita* tem um significado mau em chinês que também não existe em português.

Em segundo lugar, o conhecimento cultural influencia a compreensão da leitura, que é uma atividade mental complexa e abrangente, ou seja, a compreensão da leitura é aplicar os conhecimentos linguísticos e os contextos culturais para compreender um artigo. Uma vez que combinem os materiais lidos com os contextos políticos, económicos, culturais, sociais, têm possibilidade de entender com precisão as intenções do autor, apreender as ideias do autor e fazer avaliações e julgamentos corretos.

Quando lemos *Os Lusíadas*, não é difícil perceber todas as palavras, mas é

difícil perceber os significados completos, que resultam do desconhecimento sobre Descobrimentos e as histórias medievais.

Em terceiro lugar, o conhecimento cultural afeta a comunicação e a conversação da linguagem. A cultura é a base da comunicação. Como usar a linguagem? Quando se usa cada forma de linguagem? Estas são inevitavelmente influenciadas pelo contexto cultural. Por exemplo, o modo como se usa os complexos tempos verbais de português, está relacionado com a cultura social ao longo da história. Outro exemplo, o chinês tem a cultura de modéstia, quando estão sendo elogiados, os chineses muitas vezes não reconhecem as conquistas. Mas os portugueses vão aceitar elogios e agradecer.

Em quarto lugar, o conhecimento cultural também tem uma influência importante na tradução e interpretação. É necessário cultivar a consciência intercultural e a criatividade cultural dos alunos. Devido às enormes diferenças entre as culturas chinesa e portuguesa, os tradutores e intérpretes devem ter boas habilidades de comunicação intercultural e uma forte consciência cultural, ter uma compreensão mais profunda da cultura da sociedade da língua materna e estar familiarizados com os costumes e as características culturais da sociedade da língua alvo. Só assim poderão alcançar bons resultados na comunicação.

4.3 - Apresentação de um questionário

Em situação de ausência de disciplina de cultura e tendo em consideração a importância da aprendizagem de cultura portuguesa para o ensino de LP, procedemos à aplicação de um questionário anónimo relativamente a este assunto, a que chamámos *O ensino de cultura para a aprendizagem da língua portuguesa*. Este questionário foi realizado com aplicação de WEN JUAN XING, respondido por 24 inquiridos de níveis de aprendizagem variados, desde o básico ao avançado, aleatoriamente seleccionados.

Este inquérito teve como objetivos investigar a importância do ensino de

cultura para a aprendizagem da língua portuguesa e saber qual o método de ensino mais adequado. Em conformidade com isso, o inquérito inclui dez perguntas, que são:

1. O seu sexo
2. Há quantos anos estuda a língua portuguesa?
3. Acha que o ensino de cultura portuguesa é importante para a aprendizagem de LP?
4. Justifique a sua resposta anterior
5. Deve a disciplina de cultura portuguesa existir em currículos universitários?
6. Justifique a sua resposta anterior.
7. Devem existir livros didáticos sobre a cultura portuguesa?
8. Justifique a sua resposta anterior.
9. Qual seria o momento adequado para o ensino de cultura? Justifique.
10. Qual seria o método adequado para o ensino de cultura? Justifique.

4.4. - Análise dos resultados do questionário

Segundo os resultados da primeira e da segunda perguntas, este inquérito foi respondido por 6 estudantes do sexo masculino e 19 estudantes do sexo feminino, abrangendo pessoas em níveis de ensino do básico ao avançado.

Sobre a terceira e quarta perguntas, cerca de 88% dos inquiridos acham que o ensino de cultura é muito importante para a aprendizagem de língua portuguesa. Eles acham que, através do estudo de cultura, *“consequimos compreender determinados aspetos linguísticos ou até mesmo expressões regularmente utilizadas pelos nativos”*. E quase ninguém escolhe uma língua estrangeira por mera curiosidade nas letras. Para uns alunos, a maior atração de aprender português talvez seja o interesse pela cultura dos Descobrimentos Portugueses. É o mesmo interesse na cultura que impulsiona a

aprendizagem, a pesquisa e o avanço na língua de modo a conhecer, de uma maneira fácil e profunda da cultura, o próprio país. “*A cultura também ajuda nos a entender a origem de língua, conhecer o país, nesse caso, de modo que não saiba a cultura, é difícil compreender os significados que a língua transmite*”. Um idioma, é sempre constituído dentro do contexto cultural onde tem origem. O processo de aprendizagem de uma língua traz inerentemente consigo aprendizagem de uma nova cultura. E além disso, também existem 12% dos inquiridos que acham que a aprendizagem de cultura é pouco importante, enquanto que a conversação quotidiana é mais importante.

Para a quinta e sexta perguntas, 92% dos inquiridos acham que a disciplina de cultura deve existir em currículos universitários. “*A aprendizagem de cultura como uma unidade curricular independente promove a empatia e a vontade de aprender a língua. E temos de estudar a cultura correta em vez de conhecer por quaisquer livros espontâneos. Através dessa disciplina, podemos ter mais materiais para aprender a língua. Se houver estudantes que queiram pesquisar a relação e desenvolvimento entre a língua e a cultura, essa disciplina vai ajudar muito*”. E esta disciplina pode também alargar o horizonte dos universitários, ajudar os alunos a conhecer todas as partes de Portugal sistematicamente. Por outro lado, existem também 8% dos inquiridos que acham que não é necessário ter esta disciplina, porque quando os professores explicarem uma palavra ou explanarem um texto podem, ao mesmo tempo, apresentar os conteúdos culturais relativos. Ou então, não consideram totalmente necessário pois o mais importante é o contacto direto com as pessoas e os costumes.

A sétima e oitava perguntas, do ponto de vista de 76% dos respondentes, devem existir livros didáticos sobre a cultura portuguesa, sendo imprescindível e úteis para os estrangeiros terem uma introdução e aumentarem o seu interesse sobre a cultura portuguesa e, conseqüentemente, sobre a língua portuguesa. Ao contrário, na opinião de 4 % dos respondentes, não é adequado utilizar os livros didáticos, porque a cultura deriva da sociedade, e seria muito pouco referida em livros; o mais importante seria ir fora e experimenta-la, pois os livros não podem expressar a cultura de forma completa e com pormenor. E quando a cultura é escrita em livros, torna-se aborrecida. Além disso,

os outros 20% dos inquiridos acham que livros didáticos de forma académica e profissional, são fontes simples e incompletas, mas podem ser utilizadas quando os outros métodos mais diretos não estão disponíveis, não sendo necessariamente precisos.

Para a nona pergunta, há 56% dos respondentes que têm a opinião de que o momento adequado de ensino de cultura é no início da aprendizagem, o que pode incentivar o interesse pela aprendizagem da língua. Enquanto 21% dos inquiridos acham que o ensino de cultura deve acompanhar sempre o ensino da língua, ajudando a ter um conhecimento linguístico mais profundo bem como funciona como uma fonte de motivação para um estudo gradualmente mais complexo. Cerca de 13% acha que o melhor momento é no terceiro ano, ou seja, quando os estudantes já dominam os conhecimentos linguísticos básicos e, por isso, têm capacidade de compreender os fenómenos e os conteúdos culturais e sociais. Para os restantes, o melhor momento de aprendizagem de cultura é aquando se vive ou se estuda no país dessa língua, pois podem experimentar uma vida real dessa cultura e terem um contacto direto.

A última pergunta que discute o método adequado, a maior parte dos respondentes disse que devemos adotar outros recursos como a multimédia, a imagem e a música que são mais vividas do que as palavras nos livros. Nesse contexto poder-se-ia projetar filmes, organizar visitas a museus, organizar leitura e debate em grupo. Alguns dizem mostrar aos alunos características distintas ou semelhantes das diferentes regiões e evolução das mesmas, ou seja, procurar observá-las no passado e na atualidade. Quanto aos restantes, acham que ler a literaturas e a história é o método mais útil porque a história é a parte mais preponderante da cultura.

4.5 - Síntese geral sobre o ensino de cultura

Com base na importância de cultura para a aprendizagem de língua estrangeira (LE) e nos resultados do questionário, podemos constatar que é imprescindível aditar os conteúdos culturais no ensino de LE. Consequentemente, deve

a disciplina de cultura existir nos currículos universitários, pois facilita conhecer a cultura mais sistematicamente. Claro que o ensino de cultura não pode ser só executado nas aulas. Se os alunos tiverem oportunidade de ir ao país da língua para estudar, é melhor, de modo a irem à rua e terem contacto direto com os nativos e a sociedade. Além disso, o ensino de cultura não pode só existir nessa disciplina, porque quando se encontrarem conteúdos culturais nas outras disciplinas, os professores devem explicar os mesmos.

Para os alunos de ensino básico, é melhor ter livros didáticos, pois oferecem um método mais direto e mais simples para conhecer a cultura. Todavia, segundo o profundo da aprendizagem de língua, o aluno deve estar consciente que o conteúdo de livros didáticos não se reflete em todos os conteúdos de cultura. Os costumes sociais, os hábitos dos nativos e até a literatura e a história, permitem-nos adquirir conhecimentos culturais que podem ser obtidos através de literatura, filmes, músicas e comunicação com os nativos.

Em situação de cultura especial de Portugal, em nossa opinião, o ensino deve incluir alguns aspetos, que são: 1) Festas; 2) Vinhos; 3) Turismo; 4) Danças tradicionais; 5) Fado; 6) Gastronomia; 7) Azulejos; 8) Estilos de Arquitetura; 9) Património; 10) Doçaria Conventual; 11) Romarias; 12) Artesanato; 13) Símbolos Nacionais. Sobre estes assuntos, os professores podem ensinar cultura por meio de palestra, multimédia, leitura.

Capítulo V - Conclusão

O português é uma das línguas comunicativas internacionais mais importantes do mundo. No total existem oito países em todo o mundo que usam o português como língua oficial: Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor-Leste. Além disso, a Região Administrativa Especial de Macau e a Guiné Equatorial da África também designaram a língua portuguesa como uma das línguas oficiais. Ao mesmo tempo, o Português é também uma das línguas oficiais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, da União Europeia, do Mercado Comum do Sul e da União Africana. Por razões históricas, os países de língua portuguesa estão todos localizados ao longo da Rota da Seda Marítima e é de grande importância para a China desenvolver a estratégia de “Cinto e Estrada”, pelo que a China sempre atribuiu importância ao cultivo de elites de língua portuguesa, especialmente nas instituições de ensino superior.

O desenvolvimento vigoroso de cursos de língua portuguesa em instituições de ensino superior chinesas oferece uma variedade de elites proficientes de alta qualidade para o desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa, e também permite aos jovens, estudantes, que tenham mais opções nas suas futuras carreiras.

Dentro de todas as universidades que incluem o curso de língua portuguesa, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (TJFSU) abriu o curso de português em 2006.

As principais disciplinas deste curso incluem português essencial, português avançado, teoria e prática de tradução, interpretação, leitura em português, oficial escrita em português, o português económico e comercial, a história portuguesa, abrangendo o ensino de idioma, tradução, sociologia, política e economia, de modo que cultive a compreensão abrangente e profunda sobre a cultura, a economia e a política dos países de língua portuguesa, e faz com que os alunos se tornem elites proficientes

em língua portuguesa com base linguística e cultural, e habilidades económicas e financeiras.

Esta dissertação compõe-se de quatro capítulos, com base nos conteúdos deste estudo. O primeiro é a fundamentação teórica, para que se apresentem as teorias desta dissertação, incluindo teoria de planificação, o conceito de cultura, multicultural, e intercultural, e os métodos de ensino de língua estrangeira.

O segundo capítulo apresenta e analisa a planificação curricular de TJFSU, visando investigar a proporção de conteúdos linguísticos durante o ensino e indicar as vantagens e desvantagens.

Com o resultado da análise da planificação curricular de TJFSU, podemos constatar que existe um défice no ensino que é a falta da disciplina de cultura e de enriquecimento de vocabulário. A fim de analisar estes fenómenos, aplicámos um questionário sobre o ensino de cultura portuguesa para a aprendizagem de língua portuguesa, onde se conclui que o ensino de cultura é preponderante para a aprendizagem da língua portuguesa, e que deveria ser adicionado nos currículos universitários. Além disso, os conteúdos culturais podem aparecer em qualquer momento e em qualquer disciplina, por exemplo, aquando da explicação de uma palavra ou explicação de regras gramaticais, pois podemos encontrar conteúdos relativos à cultura. Por estas razões, além da aula de cultura, devemos sempre ter consciência de conhecer a cultura.

Em situação de enriquecimento de vocabulário, tradicionalmente, os métodos utilizados para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras estão essencialmente baseados em meios e materiais de repetição e memorização de palavras. Neste estudo, apresentámos algumas medidas para memorizar as palavras por meio de enriquecimento de conhecimento lexical, considerando alguns aspetos essenciais que estão na base do conhecimento de uma palavra como, por exemplo, a constituição de famílias de palavras, os prefixos, sufixos erradicaís; sinónimos e antónimos e outras relações entre as palavras (hiperónimos, hipónimos, hilónimos, merónimos).

Em síntese, consideramos ter contribuído para um ensino e uma aprendizagem de maior qualidade da língua portuguesa.

Bibliografia

- Ançã, M. H. (2008). *Apropriação da língua portuguesa: o exemplo de um público ucraniano adulto e jovem adulto*. Lisboa
- Arends, R. I. (1995). *Aprender e ensinar*. Portugal: Mc Graw-Hill.
- Aran, A. P. (1997). *Materiais Curriculares, como Elaborario, Seleccionarlos y Usarios*. Barcelona: Editorial Graó.
- Boas, C. H. & Costa, D. dos S. (2013). *Métodos e Abordagens, um breve histórico do ensino de Língua Estrangeira*. Brasil: Escola de Administração do Exército.
- Barroso, D. S (2013). *A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia*. Porto: Universidade do Porto.
- Brown, H.D. (1994). *Teachinh by principles: an interactive approach to language pedagogy*. New Jersey: Prentice Hall.
- Barbeiro, L. F. (1999). *Os alunos e a Expressão Escrita- Consciência Metalinguística e Expressão Escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cardoso, L. D. (2010). *A planificação do ensino*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cunha, A. & Borges, E. (2010). A aprendizagem da gramática em sala de aula de língua estrangeira na perspectiva de professores de inglês em serviço e pré-serviço. *Revista Thema*.
- Cook, V. (1994). *Universal Grammar and the learning and teaching of second languages*. Cambridge: Cambridge Press.
- Costa, W. C. (1988). *Tradução e ensino de línguas*. Brasil: Editora da UFSC.
- Candau, V. M (2011). *Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas*. Brasil.

- Campomori, M. J. (2008). *O que é avançado em cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Duarte, I. (1997). *Ensinar Gramática: Para quê e como?* Palavras. APP.
- Franco, A. C. (1989). A gramática no ensino de segundas línguas. *Revista da Faculdade de Letras do Porto: Línguas e Literaturas*.
- Damião, H. M. (1996). *Pré, Inter e Pós Acção. Planificação e Avaliação em Pedagogia*: Livraria Minerva Editora.
- Esperança, J. M. (s.d). *Conceitos e métodos na aprendizagem do português como língua estrangeira*.
- Ellis, R. (1992). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Gagné, M. R. (1975). *Essentials of Learning for Instruction*. Hinsdale Illinois: The Dryden Press.
- Gagné, M. R. (1987). *Instructional Technology: Foundations*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Hall, S. (2002). *Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Krashen, S. (1984). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. London: Prentice-Hall International.
- Littlewood, W. (2001). *Communicative Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leite, C. (2002). *Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lamas, E. (1991). *Problematizar o ensino da gramática*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Moita, L. P. (1996). *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional*

dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercados das Letras.

Martinez González, A. (1999). *Gramática e Ensino das Línguas*. Coimbra: Almedina.

Mateu, M & Pinto, P. (2009). *Metodologias e Materials para o ensino do Português como Língua Não Materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mintz, S. W. (2010). *Cultura: uma visão antropológica*. Johns Hopkins University.

Malinowski, B. (2009). *Uma teoria científica de cultura*. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Martins, M. A., & Niza, I. (2001). *Psicologia da Aprendizagem Escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nunan, D. (1999). *Second Language Learning and Teaching*. Boston

Paula, L. G. (2010). *O Ensino da Pronúncia do Inglês e a Abordagem Comunicativa*, letrônica. Porto Alegre.

Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015). Lisboa: MEC, Ministério da Educação e Ciência.

Smith, F. (1978). *Reading*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sabino, M. (2008). Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*.

Spínola, P. (2017). *Consolidação da aprendizagem de uma língua estrangeira*. Lisboa, Portugal, Universidade Católica Portuguesa.

Programas Curriculares de Licenciatura da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin (2008). Tianjin: Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin.

Silva, T. T. (2000). *Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Silva, M, C. V. S. (2008). *Diversidade cultural na escola, Encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.

Salles, J. L., Pallu, N. M & Lopes R. S. (2017). *Métodos abordagens no ensino de línguas em uma sociedade multiletrada*. (s.l).

Vygotsky, L. S. (2003). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vieira, F. C. (2011). *A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno*. Portugal: Universidade da Beira Interior.

Vilaça, M. (2008). Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. *Revista Eletrônica do Insitituto de Humanidades*,

Ye zhiliang (2008). *Temas Económicos-Comerciais em Português*. Beijing: editor de análise de língua estrangeira.

Zhao Jionghao (2014). *As diferenças culturais nas aulas de ensino da língua portuguesa na China, Uma proposta para o professor de nacionalidade portuguesa*. Lisboa: FCSH.

Zheng, Shanpei (2010). *O Ensino da Língua Portuguesa na China: Caracterização da Situação Actual e Propostas para o Futuro*. Braga: Universidade de Minho.

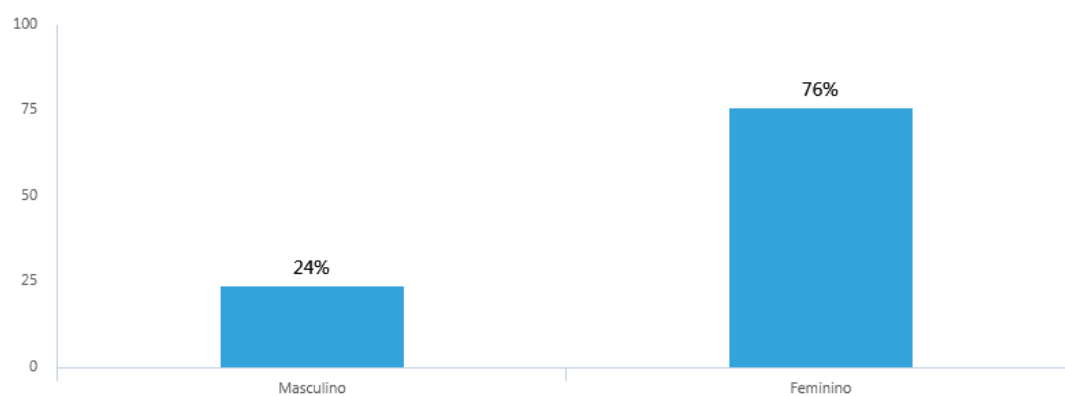
Zainuddin et al. (2011). Methods/Approaches of teaching ESOL: A Historical Overview. In: *Fundamentals of Teaching English to Speakers of other Language*.

Anexo

Questionário

O ensino de cultura portuguesa para a aprendizagem de Língua Portuguesa

1. O seu sexo:

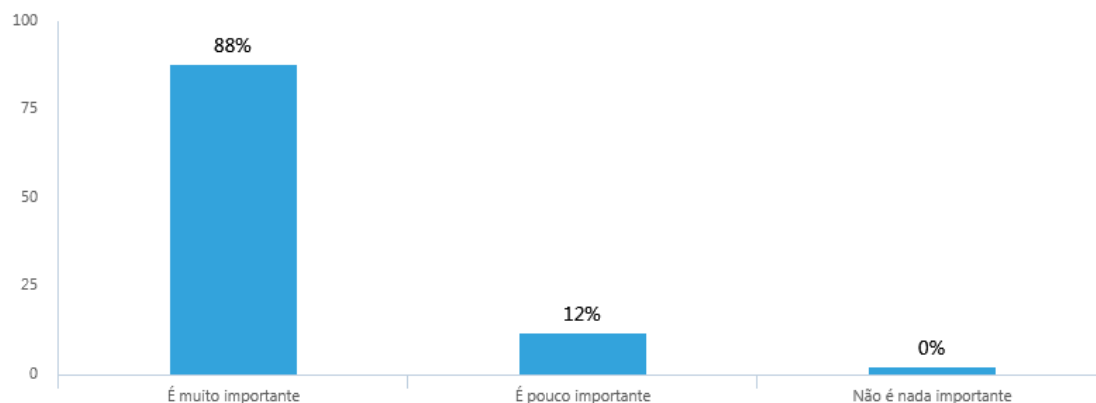


2. Há quantos anos estuda a língua portuguesa?

Respondentes	Anos
1	12
2	5
3	5
4	5
5	4
6	2
7	5
8	4

9	sim
10	2
11	4
12	2.5
13	2
14	5
15	Mais de 2 anos
16	2 anos
17	4 anos
18	10
19	2
20	20
21	5
22	2
23	3
24	2
25	23

3. Acha que o ensino de cultura portuguesa é importante para a aprendizagem de língua portuguesa?



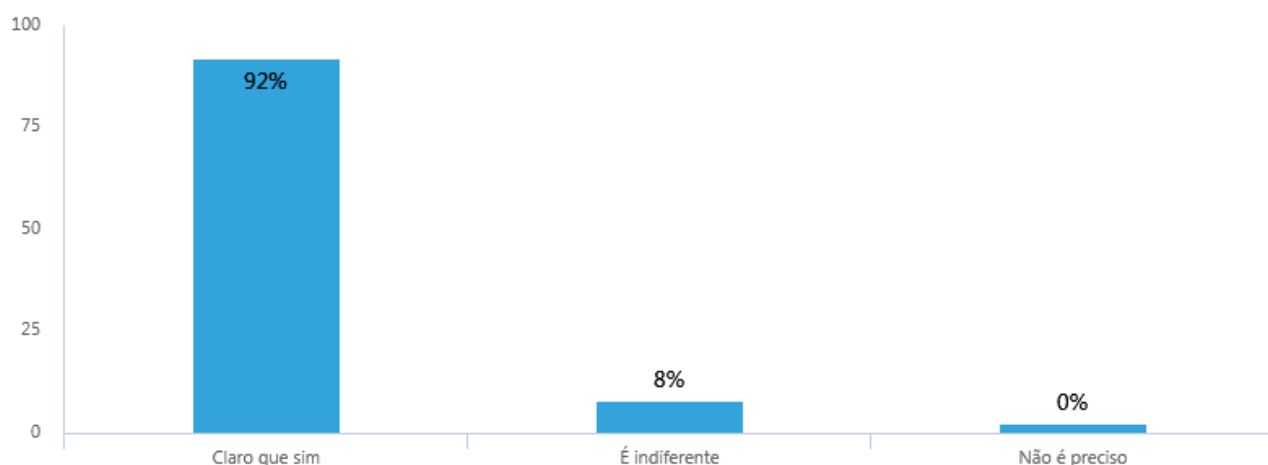
4. Justifique a sua resposta anterior

Respondentes	
1	Porque através do estudo de cultura conseguimos compreender determinados aspectos da língua ou até mesmo expressões regularmente utilizadas pelos nativos.
2	Quase ninguém vai escolher uma língua estrangeira por mera curiosidade nas letras. Por exemplo, para uns alunos, o maior atração de aprender português talvez seja o interesse na cultura dos Descobrimentos portugueses. É o mesmo interesse na cultura que impulsiona a aprendizagem, pesquisa e avanço na língua de modo a conhecer com maneira fácil e profunda da cultura, mesmo o país.
3	Língua que é o símbolo da cultura faz parte muito importante da Cultura. A análise da língua certamente tem que analisar o desenvolvimento da cultura.
4	Com a aceleração do processo de globalização, o domínio

	de Língua Segunda torna-se na exigência necessária para adaptar a situação. E também em virtude de existir muitos países que padronizam a língua portuguesa como a língua oficial, para ser mais conveniente, a aprendizagem de LP é muito significativa para mim.
5	Para ajudar a entender algumas palavras.
6	Entender a origem da língua.
7	A meu ver, o ensino de cultura é muito importante para a aprendizagem de uma língua porque língua reflete-se cultura de modo que quem não saiba a cultura, às vezes não compreende os significados que a língua transmite.
8	A cultura ajuda nos a conhecer o país bem.
9	Conseguimos aprender cultura mais fácil.
10	A cultura é importante, mas as conversações quotidianas são mais importantes.
11	A cultura é um motivo importante para a aprendizagem de língua portuguesa.
12	Porque a cultura portuguesa faz uma grande parte da língua portuguesa e influencia o nosso estudo de português.
13	Aprendizagem da cultura pode ajudar os estudantes que pensam em maneira desta língua.
14	Especialmente nos provérbios e ditos populares.
15	Porque uma língua é o portador da cultura.
16	A cultura é a base da comunicação entre as pessoas.

17	A cultura é a raiz de uma língua.
18	Para comunicar corretamente.
19	Porque língua também é uma expressão da cultura típica.
20	A Cultura é indispensável para compreender uma linguagem.
21	Estudar a cultura portuguesa vai promover o conhecimento da língua portuguesa.
22	A cultura portuguesa é encantadora. Mais conheço a cultura, mais interesse-me em aprender a linguagem portuguesa.
23	É muito importante porque a língua não pode ser separada com cultura nativa.
24	Cultura é a alma duma língua, então é muito importante.
25	Um idioma, seja ele português ou outro qualquer, é sempre constituído dentro do contexto cultural de onde tem origem. O processo de aprendizagem de uma língua traz inerentemente consigo a aprendizagem de uma nova cultura pois não se pode separar os dois.

5. Deve a disciplina de cultura portuguesa existir em currículos universitários?



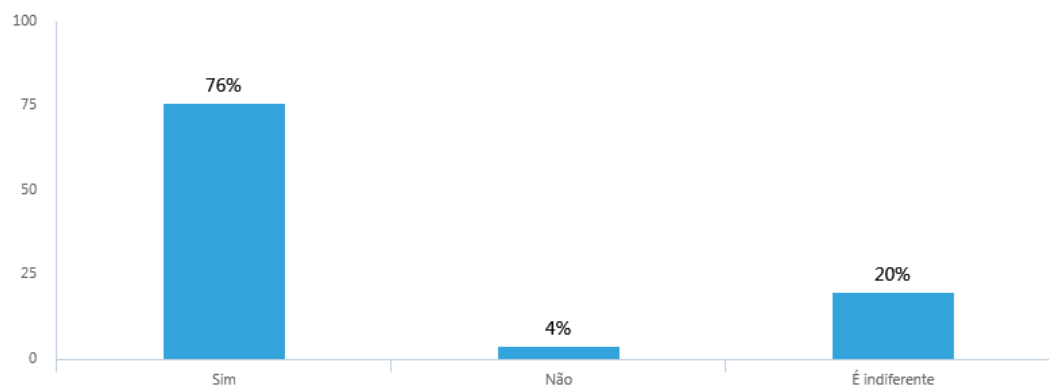
6. Justifique a sua resposta anterior

Respondentes	
1	A aprendizagem de cultura como uma unidade curricular independente promove também a empatia e a vontade de aprender a língua.
2	Quase ninguém vai escolher uma língua estrangeira por mera curiosidade nas letras. Por exemplo, para uns alunos, a maior atração de aprender português talvez seja o interesse na cultura dos Descobrimentos portugueses. É o mesmo interesse na cultura que impulsiona a aprendizagem, pesquisa e avanço na língua de modo a conhecer com maneira fácil e profunda da cultura, mesmo o país.
3	Na universidade, se tiver estudantes que queiram pesquisar a relação e desenvolvimento entre língua e cultura, essa disciplina vai oferecer muito boa condição para eles.
4	A cultura é o conteúdo importante de comunicação, também é o

	conteúdo que os estudantes de Língua Segunda têm de conhecer. A aprendizagem de cultura e a aprendizagem de língua ajudam um ao outro, podemos conhecer os costumes e os hábitos do país pela aprendizagem de língua, e conhecer a cultura facilita a aprendizagem de língua. Nesse caso, acho que é muito importante adicionar a disciplina de cultura.
5	Pode ter mais interesse no processo da aprendizagem.
6	Ajuda muito.
7	Tenho disciplinas de cultura portuguesa do primeiro até ao terceiro ano na universidade.
8	Podemos ter mais materiais para aprender língua.
9	Devemos aprender a cultura correta.
10	Estudam uma língua, devem estudar a sua cultura.
11	Aprender cultura pode alargar o horizonte dos universitários e também pode aumentar a capacidade dos universitários.
12	Porque pode ajudar os estudantes a conhecer melhor todas as partes de Portugal.
13	Uma língua é uma parte da cultura, e vem de cultura, não podemos estudar uma língua sem conhecer a cultura dela.
14	Igual à resposta da pergunta 4.
15	Ajuda os alunos a entender melhor esta língua.
16	Deve ter a disciplina o mais cedo possível.

17	A disciplina de cultura tem um papel muito importante em relação a dominar uma língua.
18	Para conhecer a cultura.
19	Na China não é fácil, reforma do sistema de Educação é um dos melhores exemplos para o justificar.
20	O estudo da Cultura é necessário para alunos que também estão a aprender a língua para melhor se relacionarem com esta.
21	Sim, o currículo universitário deve ser mais amplo para constituir o sistema de conhecimento.
22	Para melhorar os nossos conhecimentos sobre Portugal. Quanto a falar deste país, não só temos tópicos básicos como gastronomias entre outros.
23	O mesmo.
24	Para os estudantes universitários, eles precisam de alargar os horizontes.
25	Não penso que seja totalmente necessário pois o mais importante é o contacto direto com as pessoas e os seus costumes.

7. Devem existir livros didáticos sobre a cultura portuguesa?



8. Justifique a sua resposta anterior

Respondentes	
1	Não creio que será necessário livros sobre tal.
2	Depende dos países. Uns países têm umas políticas restritas sobre a utilização da rede, o que traz dificuldades aos alunos em terem acesso aos materiais. Então, acho que tem necessidade de existir os livros didáticos.
3	É melhor ter. Isso vai facilitar o ensino dos professores.
4	Não é adequado utilizar livros didáticos. A cultura deriva de sociedade, é muito pouco que pode ser refletido em livros. Além disso, os diferentes carácteres tem os conhecimentos diferentes sobre a cultura. Os livros não conseguem expressar tudo. Então , é melhor oferecer as informações referentes sendo os materiais completados em vez de produzir os livros didáticos.
5	Pode ler.

6	Para estudar melhor.
7	Acho que os livros didáticos sobre a cultura são imprescindíveis no ensino de cultura portuguesa os quais oferecem diretamente um retrato da cultura.
8	É igual com a de cima.
9	Aqueles livros podem ajudar os estudantes.
10	Cultura não é preciso estudar todos os dias.
11	Estudantes podem aprender a cultura portuguesa sistematicamente com livros didáticos.
12	Porque os livros didáticos sempre podem ajudar os estudantes a entender o conteúdo fácil mais rapidamente.
13	Existem muitos livros em relação a cultura, não é necessário ter um livro assim.
14	Igual à resposta da pergunta 4.
15	Como material auxiliary.
16	Os livros são mais profissionais do que os outros modos.
17	Não se vê tanto tais livros.
18	Para facilitar.
19	Apesar da dificuldade em existir disciplina de cultura, existem livros de cultura e é mais fácil.
20	Livros são fontes didáticas simples para poder aprender sobre a Cultura quando outros métodos mais directos não estão disponíveis.
21	Sim, o livro didático sobre a cultura portuguesa é muito

	importante para demonstrar de modo mais diretamente e academicamente.
22	A cultura origina-se da vida. Por isso, acho o que mais importante é experimentá-la, em vez de a saber via livros.
23	Acho que é um problema de que depende, a cultura não precisa de ser escrito em livros senão vai ser muito chato.
24	Um livro sobre cultura pode ajudar os estudantes no estudo da cultura.
25	São úteis principalmente para estrangeiros terem uma introdução e aumentarem o seu interesse sobre a cultura portuguesa e consequentemente sobre a língua portuguesa.

9.Qual seria o momento adequado para o ensino de cultura? Justifique.

Respon dentes	
1	Talvez no ensino universitário num curso dedicado a estudos portugueses ou alunos estrangeiros.
2	No início de aprender uma língua estrangeira. É um método de incentivar interesse nela.
3	No início de ensino. Porque os estudantes vão ter mais interesse em aprender português através de estudo da cultura dos países de línguas portuguesas.
4	Acho que o momento adequado para ensinar a disciplina de cultura é no terceiro ano de Universidade. Neste momento, os estudantes já dominam as bases linguísticas e têm capacidade de dominar e

	compreender os fenómenos e conteúdos culturais. E o conhecimento de cultura pode motivar os alunos a estudar a língua.
5	No início da aprendizagem. A cultura é importante, a língua é uma parte da cultura.
6	No nível B1.
7	Acho que o ensino de cultura é melhor ser elaborado no início da aprendizagem da língua visto que o ensino de língua não se deve separar com o ensino de cultura.
8	Quando em Portugal ou outros países.
9	9~12anos. Alunos começam a entender o significado da cultura.
10	Uma vez por uma semana, na sexta-feira.
11	No início do ensino da língua portuguesa. Pode-se avançar estudantes para estudar a língua.
12	Acho depois de estudar o português um ano.
13	Sair de sala de aula e cada aluno tem seu próprio temática de projeto para estudar cultura.
14	Desde início, antes da aprendizagem da língua portuguesa, já se pode começar a conhecer a cultura.
15	Qualquer.
16	Qualquer momento pode ser.
17	Em que viver ou estudar no país dessa língua, pois podem experimentar uma vida real dessa cultura e têm um contato direto.
18	No início da aprendizagem.
19	Quando aprendem basicamente língua oral. Senão, vai ser difícil

	compreender materiais culturais em português.
20	O mais cedo possível para garantir uma rápida e mais facilitada exposição e absorção.
21	No início fase deve ensinar a cultura para motivar os Interesses dos alunos.
22	No início da aprendizagem da língua portuguesa para crescer a paixão da aprendizagem.
23	Acho que deve ser mais cedo.
24	No início.
25	Acompanhando sempre o ensino da língua. Ajuda a ter um conhecimento linguístico mais profundo bem como funciona uma fonte de motivação para um estudo gradualmente mais aprofundado e complexo.

10. Qual seria o método adequado para o ensino de cultura? Justifique.

Respondentes	
1	Mostrar aos alunos características distintas ou semelhantes das diferentes regiões, e evolução das mesmas, ou seja, procurar observá-las no passado e na atualidade.
2	Adaptação da multimídia. A imagem é mais vivida do que as palavras nos livros.

3	Emitir filmes na aula. Organizar visita para museu.
4	Aulas podem ser executadas por palestra cultural que inclui muitos conteúdos e informações, acompanhando com as referências, e outras atividades como leitura de grupo, debate, discussão de grupo e além disso, também pode organizar os alunos, fazer entrevistas na rua ou filmar os vídeos de fenómenos na sociedade.
5	Livro da história. A história é a cultura.
6	Através das atividades e visitas variadas.
7	Acho que os livros didáticos acompanhando com o uso da multimídia é um método recomendável para o ensino de cultura porque os livros dão informações gerais e as multimídias oferecem conceitos mais concretos de modo diversificado.
8	Viver no país por um tempo.
9	Pelo filme. É mais interessante.
10	Para ver video ou ler livros.
11	Praticar na vida real. Tem eficácia e efeito.
12	Deixa os estudantes experimentarem os objetos culturais na vida quotidiana, ao mesmo tempo, apresentar e procurar as informações próprias.
13	Depender mais dos alunos do que os professores que devem dar mais ajuda sobre o método de investigação e cooperação.
14	Ler, ver e comunicar.
15	Ler livro, ter aulas ,ver filmes.
16	Através da Internet ou das redes sociais. A velocidade de propagação

	é muito rápida.
17	Atividades, porque as práticas fora de aulas ajudam muito.
18	Através da interação na aula.
19	Experimentar. Porque a prática faz melhor conhecer.
20	A exposição directa à Cultura é por vezes o melhor método e o mais eficaz.
21	Estudo de visita é um método bom para conhecer a cultura portuguesa na realidade.
22	Actividades de imersão, mais efectivo e vivo.
23	Sabe mais cedo e tem ajuda para a aprendizagem de lingua.
24	Através da música, filme, as lendas, etc.
25	Um currículo formal focado na cultura portuguesa tem a sua utilidade, mas há que ter um foco principal na iniciativa em ter contacto direto com a cultura nos vários aspetos que a encompassam e que o aluno pode conhecer no seu próprio dia-a-dia.